

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

DÉBORA PLOCHARSKI HAAG

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA: O CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E O PIBID NO
PREPARO DO LICENCIANDO PARA A PRÁTICA DOCENTE

Porto Alegre

2015

Débora Plochanski Haag

Estágio de docência: o curso de Letras licenciatura e o PIBID no preparo do licenciando para a prática docente

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora : Prof^a Dr^a Jane Naujorks

Porto Alegre

2015

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo averiguar a importância da inserção do estudante de licenciatura no ambiente escolar desde os primeiros semestres de graduação, e destacar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como meio possível para esta inserção e para preparação dos mesmos para os estágios de docência obrigatórios. O trabalho docente se configura pelo contato direto e constante com a sala de aula, assim, a formação docente deveria ter como objetivo central seu preparo para estar e atuar neste ambiente singular. No entanto, os cursos de licenciatura, em especial o curso de Letras UFRGS, analisado neste trabalho, tratam a “prática” como uma preocupação secundária e não realizam uma aproximação da mesma com a teoria estudada no curso. O PIBID é tratado neste trabalho como um possível complemento na formação de licenciandos, proporcionando a aproximação da teoria com a prática. Para atingir os objetivos citados foi realizada uma pesquisa entre estudantes do curso de licenciatura em letras desta universidade, em que se busca constatar: o sentimento dos licenciandos em relação à sua formação e a diferença formativa entre licenciandos bolsistas do PIBID e licenciandos não pibidianos. O resultado da pesquisa aponta para uma notória diferença no preparo para o trabalho docente entre os dois grupos estudados, destacando-se os pibidianos como mais bem preparados para os estágios de docência e para o trabalho em sala de aula.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo averiguar la importancia de la inserción de lo estudiante de licenciatura en el ambiente escolar desde los primeros semestres de la graduación, y destacar el “Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência”(PIBID) como medio posible para esta inserción y para la preparación de los mismos para las pasantías obligatorias. El trabajo docente se configura por el contacto directo y constante con la sala de clases, así, la formación docente debería tener como objetivo central su preparo para estar y actuar en este espacio singular. No obstante, los cursos de licenciatura, en especial el curso de Letras UFRGS, analizado en este trabajo, trata la “práctica” como una preocupación secundaria y no realizan una aproximación de la misma con la teoría estudiada en el curso. El PIBID es tratado en este trabajo como un posible complemento en la formación de los graduados en profesorado, proporcionando la aproximación de la teoría con la práctica. Para alcanzar los objetivos citados fue realizada una pesquisa entre estudiantes del curso de profesorado en letras de esta universidad, en que se busca constatar: el sentimiento de los estudiantes en relación a su formación y la diferencia formativa entre estudiantes de profesorado bolsistas del PIBID y estudiantes de profesorado no pibidianos. El resultado de la pesquisa apunta hacia una notoria diferencia formativa en la preparación para el trabajo docente entre los dos grupos estudiados, destacándose los pibidianos como más bien preparados para las pasantías y para el trabajo en sala de clase.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. A formação do professor.....	7
1.1. As licenciaturas e o trabalho docente.....	7
1.2. PIBID, incentivo à docência.....	10
1.2.1. Docência –pesquisa.....	11
1.2.2. A universidade e a escola.....	11
1.2.3. O licenciando e a escola.....	12
1.3. Preparo para os estágios obrigatórios.....	14
2. Metodologia de pesquisa.....	18
2.1. Objetivos pretendidos.....	18
2.2. O corpus.....	19
3. Análise das questões.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	32

INTRODUÇÃO

A educação presente na escola, instituição de aprendizado, deve ampliar, através de seus currículos, as oportunidades e capacidades do educando. Nesse caminho, o trabalho docente, na modernidade, exige, cada vez mais, conhecimentos específicos e um profissional capaz de, em decorrência do seu papel, formar sujeitos aptos a se inserirem na sociedade. Isto requer uma reflexão do papel da escola, do professor e das licenciaturas.

É com vista à reflexão desse papel da escola, do professor e das licenciaturas, com ênfase no licenciando, que pretendo, neste trabalho, averiguar a importância da inserção do estudante de licenciatura no ambiente escolar desde os primeiros semestres de graduação, e destacar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como meio possível para esta inserção e para preparação aos estágios de docência obrigatórios.

O Projeto Pedagógico do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul prevê que a função do curso de licenciatura em letras é formar profissionais capazes de "lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, nos contextos oral e escrito, e conscientizá-los de sua inserção na sociedade e das relações com o outro". Este profissional deve, segundo o projeto, estar preparado tecnicamente para orientar e mediar o ensino na aprendizagem dos alunos. Deve estar apto a elaborar e a executar projetos com vistas aos conteúdos curriculares. (UFRGS, 2011).

Esse perfil de egresso, apontado acima, não se diferencia do perfil definido por outras universidades nos mais diversos cursos de licenciatura. Todos preveem a formação de um profissional licenciado que saiba mediar o aprendizado do educando e que esteja preparado para o trabalho em sala de aula. Assim, ao formar um licenciando em letras, cujo objetivo é a capacitação para a prática¹ em sala de aula, capaz de continuamente rever seus procedimentos de acordo com uma reflexão teórica autônoma, a universidade qualifica-o para o trabalho em instituições educativas, escolares ou não-escolares.

Desta forma, segundo as propostas pedagógicas do referido curso de graduação, acredita-se que o graduando em letras chegue ao fim do seu curso sentindo-se apto ao exercício da docência e seguro das funções que realizará nas escolas em que venha a trabalhar. No entanto, parece haver uma discordância entre o objetivo das licenciaturas e a

¹ Neste trabalho o conceito de prática segue a concepção de Bourdieu, onde a noção de prática supera as definições da antropologia e sociologia – ações humanas no convívio social -, sendo vista como a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade, onde apenas pela prática é possível observar e analisar o homem, a sociedade e a vida. Desta forma a prática, neste trabalho, é vista como a exteriorização do aprendizado teórico e a interiorização do aprendizado a partir do contato com a sala de aula.

perspectiva dos licenciandos que não tiveram experiências de prática docente fora do currículo.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a inserção do licenciando na escola e na sala de aula, durante sua formação acadêmica, ocorre apenas no sexto semestre, para observação e, a partir do sétimo semestre, para os estágios de docência. Isto significa dizer que, de quatro anos de formação, este aluno não completará um semestre dentro de sala de aula, já que até mesmo as disciplinas de estágios têm uma parcela da carga horária para teorias voltadas à formação docente.

Acredito que não há outra forma de preparar o graduando para o trabalho docente que não seja a sua inserção no ambiente escolar desde os primeiros semestres da graduação, pois, com certeza, não é a partir de uma escola imaginária, apresentada durante o curso de formação, que se prepara um professor para o trabalho em salas de aulas reais. Desse modo, o projeto pedagógico do curso de licenciatura em Letras, apresentado acima, não atende às necessidades reais de formação de um docente, tendo em vista que não encaminha seus alunos para a sala de aula antes do sexto semestre da graduação.

No entanto, alguns alunos conseguem, desde os primeiros semestres, participar de programas que os colocam mais próximos da experiência docente. Aqui, enfatizo o Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do qual faço parte, e que é um dos programas, senão o único que encaminha o licenciando para práticas reais de ensino. Este programa, criado pela CAPES, tem o objetivo de fortalecer as atividades de formação inicial e continuada de professores, constituindo-se em um elo fundamental entre a universidade e a escola básica pública. É nesse Programa que surge a oportunidade de, já nos primeiros semestres da graduação, o aluno colocar em prática os aprendizados da academia.

Para dar conta, então, da questão que envolve a necessidade de os alunos licenciandos colocarem em prática sua formação e do papel do PIBID neste processo, realizei, para este trabalho, pesquisa entre alunos do curso de letras licenciatura da UFRGS. Essa pesquisa foi realizada com alunos que participam ou participaram do PIBID e alunos não participantes deste Programa. Minha intenção é, com esta pesquisa, demonstrar que os alunos inseridos em sala de aula desde os primeiros semestres através do programa de iniciação à docência estão mais bem preparados para a prática de estágio de docência que aqueles que não foram contemplados com esta experiência.

1. A formação do professor

A Licenciatura é o grau acadêmico recebido por um indivíduo que finaliza seus estudos em uma instituição de ensino superior, normalmente uma faculdade ou universidade, que lhe concede a permissão do exercício do magistério. Este grau acadêmico é delineado, como vimos anteriormente, por um perfil que visa à formação de um profissional apto ao trabalho com discentes e ambientado nas vivências escolares. Todavia, como citado anteriormente, a vivência na escola básica, experimentada pelo licenciando durante o curso, é muito reduzida e não chega a atingir doze por cento de sua totalidade. Esta constatação vai ao encontro das inúmeras discussões, tanto no Brasil quanto em outros países, referentes aos modelos formativos dos cursos de licenciatura.

1.1. As licenciaturas e o trabalho docente

A distância entre a instituição formadora e o espaço de trabalho do futuro docente acarreta em um modelo² que descontextualiza o processo formador. Para Tardif (2000), professor universitário no Canadá e pesquisador na área da educação, o problema desse modelo é a organização curricular baseada em uma lógica disciplinar que, ao focar no conhecimento teórico, distancia-se do estudo da realidade da escola. Neste caminho o autor alerta para o fato de que este modelo trata a pesquisa, a formação e a prática como três polos separados. Em outras palavras, o conhecer e o fazer estão dissociados.

Também no Brasil a discussão ganha espaço nos estudos de Bernadete Angelina Gatti. Em pesquisa realizada nos anos 2008 e 2009, em diversas universidades do país, a pesquisadora constata, na análise sobre os conteúdos das ementas de cursos de licenciatura, que se contempla muito pouco as práticas educacionais privilegiando disciplinas teóricas. A pesquisa mostra que nos cursos de Língua Portuguesa (Letras), 51,4% da carga horária é destinada às disciplinas relativas aos conhecimentos da área e apenas 11% das horas-disciplina são dedicadas à formação para a docência (GATTI, 2010). Gatti destaca que as disciplinas teóricas são importantes para que o professor desenvolva um trabalho consciente, mas não são suficientes para suas atividades de ensino. Segundo a autora, o espaço para as práticas de ensino nas grades curriculares acaba ficando muito reduzido, o que gera uma insuficiência formativa para a prática docente.

² Modelo aplicacionista do conhecimento segundo o qual “os alunos passam um certo número de anos a assistir a aulas baseadas em disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos”. (TARDIF,2000,p.18)

A relação teoria-prática se mostra comprometida desde essa base formativa, conforme conclui a autora

No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. As emendas já são muitas. A fragmentação formativa é clara. É preciso integrar essa formação em currículos articulados e voltados a esse objetivo precípua. (GATTI, 2010, p.1375)

Isso é claramente observável no curso de Letras UFRGS, licenciatura simples³, que oferece apenas quatro cadeiras dedicadas à aproximação da teoria com a prática antes da realização do estágio: *Programas para o Ensino da Língua Portuguesa, Educação Contemporânea: currículo, didática, planejamento, Seminário para o ensino de literatura brasileira e Teoria e Prática de Leitura*. Dentre elas apenas uma, *Programas para o Ensino da Língua Portuguesa*, exige que o graduando faça algumas horas de observação na escola. As outras aproximam o graduando de uma escola imaginária, e, muitas vezes, um imaginário ultrapassado, já que o professor universitário, que na UFRGS tem dedicação exclusiva, está afastado da escola.

O pouco espaço destinado às disciplinas de prática e sua dissociação da teoria, observados pelos autores citados, é confirmação de que a formação docente ainda está pautada no binarismo teoria e prática (UBERTI; BELLO, 2013). Segundo os organizadores do livro intitulado “Iniciação à Docência: articulações entre ensino e pesquisa”, dentre proposições e teorizações a cerca da formação de professores “o mais enfático e recorrente tem sido o apelo à necessária integração entre teoria e prática, como maneira de se formar o “bom professor” que poderá tratar, discutir e enfrentar os problemas educacionais do cotidiano escolar”.(UBERTI;BELLO, 2013, p.17).

Esta dicotomia é preocupante porque, ao trabalharmos com uma perspectiva binária, em que necessariamente os dois polos se opõem, acaba-se por priorizar um dos dois, escolhendo-se necessariamente “isso” ou “aquilo”. Mais preocupante é que esse binarismo é bastante comum ao pensamento educacional e, como apontam os autores,

[...]muitas vezes, essa velha dicotomia tem formado ora *experts* em práticas pedagógicas pelo viés da experiência, entendendo a teoria como algo que se aprende e a prática como aquilo que acontece, ora *experts* professores-

³ O curso de licenciatura simples habilita o licenciando a ser professor de Língua Portuguesa e suas literaturas em contraponto ao curso de Licenciatura com ênfase dupla a que é acrescida uma língua estrangeira e suas literaturas. Na ênfase dupla o licenciando tem cadeiras preparatórias e estágios a mais que na ênfase simples.

pesquisadores vinculados muito mais a carreiras acadêmicas fora do espaço escolar. (UBERTI; BELLO, 2013, p.18)

Somada ao distanciamento entre teoria e prática e à dicotomia que este distanciamento gera, temos uma terceira situação que, a meu ver, contribui para a “insuficiência formativa” citada por Gatti (2010). Trata-se do tardio contato com a realidade escolar. É o que ocorre com a UFRGS, que, assim como outras universidades brasileiras, encaminha os alunos de licenciatura para a sala de aula tardiamente.

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, em resolução aprovada em 28/01/2004, relativa às Diretrizes para o Plano Pedagógico das Licenciaturas da UFRGS, determina, no artigo 5º que “Será obrigatória a realização de estágio curricular supervisionado, a partir da segunda metade do curso”. (UFRGS, 2004)

O Curso de Letras não infringe a resolução, já que esta define que o estágio deva ser realizado “a partir” da segunda metade do curso, mas opta por fazê-lo na metade final desta segunda parte. Esta opção intensifica ainda mais o distanciamento entre a teoria e a prática, já que primeiro o licenciando entra em contato com as teorias adotadas pela universidade e depois, separadamente, com a prática docente.

Além disso, este tardio contato com a escola frustra o estudante que entra na universidade com o sonho de se tornar professor e só irá vivenciar a docência no final do curso. E, não raras vezes, decepciona-se com a realidade escolar apresentada, que não condiz com a escola idealizada durante o curso de licenciatura. Tal questão desestimula a permanência do graduando na escola básica após sua formação.

Essas tendências de distanciamento e até mesmo oposição entre a teoria e a prática podem ser explicadas pela falta de atenção dada pela universidade em transformar o saber de referência em saber escolar. Transpor o conhecimento adquirido em prática não parece ser uma prioridade para os cursos de licenciatura. O curso de Letras licenciatura da UFRGS forma excelentes acadêmicos e pesquisadores. Mas devemos entender que, para o cientista o conhecimento é um fim, enquanto que para o professor é só o começo.

Na busca por esta articulação entre teoria e prática educacional, encontramos o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, sobre o qual irei abordar a seguir.

1.2.PIBID, incentivo à docência.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foi criado em 2007 com o objetivo de diminuir o distanciamento entre a teoria e a prática presente na formação docente, além de fomentar a formação de professores para a educação básica. O programa teve início em 2009 e, com o decreto nº 7219, instituiu-se como política nacional de formação de professores. Compõe também a estratégia 15.3 do Plano Nacional de Educação (PNE), que visa a "ampliar o programa permanente de iniciação à docência a estudantes matriculados nos cursos de licenciatura, a fim de aprimorar a formação de profissionais para atuar no magistério da Educação Básica".⁴

O objetivo central deste programa é incentivar a formação de docentes em nível superior, contribuindo para a valorização do magistério e buscando a permanência destes profissionais na educação básica de escolas públicas. Seus projetos envolvem os estudantes das licenciaturas, seus professores formadores e os professores da Educação Básica das escolas em que atuam, todos com bolsa de incentivo. Para atingir seus objetivos, o PIBID proporciona a seus bolsistas a possibilidade de realizar a articulação entre a teoria e a prática, necessária à formação docente. Tal articulação é efetuada com a inserção dos licenciandos pibidianos no cotidiano das escolas da rede pública de educação, onde terão a oportunidade de criar e participar de experiências metodológicas e práticas.

Segundo a Capes os projetos realizados pelas instituições de ensino superior ligadas ao programa “devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.” (Capes, 2008). Dessa forma o PIBID pode ser visto e compreendido como um programa de qualificação e formação profissional. De acordo com Uberti (2015), em seu artigo *Experimentar-pensar-produzir a docência no PIBID- UFRGS*, “desde a implementação do PIBID na universidade, a qualificação da formação do licenciando pode ser percebida, bem como a intervenção profícua na escola pública, impactando, positiva e reciprocamente, no cotidiano escolar e na formação docente.” (UBERTI, 2015,p.222)

É importante ressaltar que o PIBID é o único programa de bolsas que visa a incentivar e preparar o licenciando para o exercício da docência. É, ainda, mais importante, ressaltar a

⁴ As estratégias estão vinculadas às vinte metas do PNE, instituído pela Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, sendo a meta de formação de professores a de número 15.

preocupação atual a cerca da possibilidade da continuidade deste programa que corre o risco de acabar devido aos cortes de verba, do governo atual, para a educação.

Retomando os problemas relatados no tópico “As licenciaturas e o trabalho docente”, pretendo agora, demonstrar como o PIBID lida com essas dificuldades e como pode enriquecer a formação docente.

1.2.1. Docência-pesquisa

No subprojeto PIBID – Língua Portuguesa, do qual faço parte, seguimos as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais, cujo o ensino de língua portuguesa prioriza o desenvolvimento da capacidade de compreender, reconhecer, utilizar e analisar diferentes níveis linguísticos. Para isso utiliza como metodologia o processo de USO->REFLEXÃO->USO, em que o estudante possa fazer o uso do seu aprendizado e refletir sobre ele para novamente produzir a partir desta reflexão (STURM, NAUJORKS, 2011). É desta forma que, de maneira geral, atua o PIBID, unindo a prática e a pesquisa para que o licenciando possa refletir sobre aquilo que estuda e realiza.

Uberti e Bello (2013) referem que a prática conduz à “produção de conhecimento do homem sobre o mundo e do mundo sobre o homem” (UBERTI; BELLO, 2013, p.21). É neste sentido que, para as ações pibidianas, a prática é entendida como a realidade concreta e produtora de saberes que deve ser transpassada por referenciais teóricos e, necessariamente, retornar à prática em forma de ação. Por isso, “proporcionar a vivência escolar e simultaneamente a reflexão teórica é um dos objetivos do Programa” (UBERTI; BELLO, 2013, p.18).

Dessa maneira pretende-se fugir do binarismo teoria e prática citado anteriormente, favorecendo a compreensão teórica, à luz da prática, e o aperfeiçoamento da prática à luz da teoria. Assim, na docência, a pesquisa não é o objetivo final, e sim o início do processo de aprendizagem. Articular a pesquisa e a prática é a saída para a formação de docentes seguros sobre o quê e como ensinar.

1.2.2. A Universidade e a escola

Para os alunos da escola básica, em geral, a Universidade é uma distante realidade. Grande parte dos estudantes, ainda que hoje haja inúmeras políticas públicas com o objetivo de acabar com esta distância, não consegue vislumbrar seu futuro dentro da universidade. O

PIBID vem contribuir para a diminuição desta distância, criando “um fluxo de mão dupla entre a universidade e a escola básica”(NEVES, 2013, p.09).

Esta aproximação não ocorre apenas entre os alunos de graduação e os alunos da escola básica, participantes mais diretos dos projetos, mas entre todos os profissionais envolvidos. Isso porque, além dos projetos desenvolvidos entre os licenciandos e professores orientadores para aplicação na escola, há também um grande esforço em oferecer aos professores das escolas envolvidas uma formação continuada. Professores estes que, muitas vezes, encontram nos projetos pibidianos um estímulo para a continuidade de sua prática docente de modo diferenciado, pois, de modo geral, estão desestimulados com a situação atual da educação.

Algumas instituições superiores inclusive oferecem, aos seus supervisores escolares do PIBID, programas de especialização e mestrado profissional, montando assim uma estratégia para a complementação desta união entre universidade e escola. União esta que se faz necessária, pois que o quadro nacional de educação não se modificará sozinho, é necessário um esforço conjunto para que a crise educacional possa ser resolvida.

1.2.3 O licenciando na escola

Com a finalidade de proporcionar aos alunos dos cursos de licenciatura um maior convívio com o ambiente escolar, o PIBID oferece bolsas aos mesmos a partir do segundo semestre de graduação. O objetivo é que, através desta inserção desde os primeiros semestres, os estudantes possam entrar em contato com a realidade escolar, ainda amparados por sua instituição formadora. Essa inserção passa a ser de grande importância para que o estudante tenha sua primeira experiência docente.

O Programa, no entanto, não se detém apenas às atividades práticas. Ciente de que, ainda no início de seu curso, o licenciando não tem bagagem teórica nem pedagógica para planejar suas atividades e aplicá-las, este Programa exige que seu bolsista esteja presente nas permanentes reuniões de estudos. São momentos em que não se prioriza apenas um dos polos, teoria ou prática, mas eles são unidos, de forma que o aluno/licenciando entenda o processo de ensino a ser desenvolvido na escola.

Para além desta articulação - teoria/prática, os participantes do Programa apreendem que suas atividades devem ser desenvolvidas a partir de projetos que visem à formação de um sujeito autônomo e consciente de sua participação nas atividades escolares e sociais. Com essa visão, os pibidianos elaboram seus projetos de ensino após leituras e reflexões sobre as

necessidades de cada grupo escolar (ano letivo, idade, escola...) e para os quais constituem objetivos específicos. Todas as atividades desenvolvidas são realizadas em conjunto e com a orientação do professor universitário, que está capacitado a conduzir o licenciando nesta articulação.

Como forma de deixar os bolsistas seguros, nesta que, muitas vezes, é a primeira experiência docente, além do amparo dado pelos professores orientadores no planejamento de aulas e projetos, um pibidiano nunca entra sozinho em sala de aula. Costumam trabalhar em duplas ou trios, justamente para que a pressão de estar à frente de uma turma não recaia em um só bolsista e para que a experiência inicial possa ser compartilhada, discutida e repensada entre os participantes. Este “compartilhar” e “repensar”, inclui principalmente os problemas encontrados durante as experiências vividas na escola. Sabe-se que, por mais que haja um planejamento, o professor lida com sujeitos, e não é possível prever tudo o que irá ocorrer nas aulas. O contato do pibidiano com o professor, alunos, direção e funcionários da escola irá proporcionar os mais diversificados aprendizados e, este diálogo com a instituição “escola” é, a meu ver, o que há de mais significativo para o aprendizado docente e que poderá formar um profissional apto para resolver problemas.

Segundo relatório feito em 2013 (UBERTI, 2015), a maior parte dos alunos bolsistas do PIBID destaca como aspecto positivo “o contato com a escola, a experiência prática da docência, a possibilidade de compartilhar experiências docentes, a descentração do ponto de vista próprio, além da melhora na compreensão teórica e na escrita acadêmica”. O relatório solidifica a visão do Programa como constituidor na formação docente (UBERTI, 2015, p.222).

A metodologia de trabalho adotada pelo PIBID supre, para quem participa do programa, a falta de cadeiras dos cursos de licenciatura voltadas especificamente para a inserção do aluno universitário no contexto da escola e para o preparo didático-pedagógico necessário para esta inserção.

Infelizmente, estas oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, que buscam a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem proporcionadas pelo PIBID, não estão disponíveis a todos os estudantes de licenciatura, visto que o número de bolsas é limitado. Desta forma, para muitos, os estágios obrigatórios, que na licenciatura simples do curso de letras compreendem aproximadamente dois meses de inserção em sala de aula, serão os únicos momentos de atuação efetiva no ambiente escolar.

1.3.Preparo para os estágios obrigatórios

A identidade docente, como aponta Pimenta (2006), se constrói a partir do significado atribuído por cada professor às suas vivências, significados que partem dos seus valores, seu modo de situar-se no mundo, seus saberes, suas angústias, enfim, a partir de sua constituição como sujeito. É nesta preparação para os estágios que nós, licenciandos, esperamos constituir essa identidade, ou seja, nos descobriremos como professores aptos a desenvolver um projeto educacional, momento em que esperamos entender o que realmente é ser professor.

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, para esta constituição do profissional completo, pois é o momento de sintetizar todo o conhecimento recebido ao longo da jornada acadêmica e articulá-lo com a prática. Essa etapa nos proporciona a oportunidade de percebermos se nossa formação nos prepara suficientemente para o exercício da docência, considerando que, cada vez mais, são requisitados profissionais com habilidades específicas e bem preparados para dar conta do aluno sujeito, que deve ser formado pela escola (BERNARDY; PAZ, 2012). Por isso, retomando Pimenta, “é importante mobilizar os saberes da experiência, os saberes pedagógicos e os saberes científicos, enquanto constitutivos da docência, nos processos de construção da identidade do professor.” (PIMENTA, 2005,p.12).

Porém, como visto anteriormente, ao chegarmos à universidade e nos depararmos apenas com o conhecimento teórico sentimos dificuldade em articulá-lo com a prática. Desta forma nosso processo formativo pode acabar ocorrendo em cima dos modelos conhecidos e consolidados de nossa infância e, quando formados e atuando na escola, poderemos acabar retomando os exemplos dos nossos professores do ensino básico (algo que nem sempre será positivo) e não a aplicação do que aprendemos na Universidade. Se a instituição de ensino responsável por nossa formação não proporcionar, ao longo do curso, ferramentas que nos permitam realizar esta ligação teoria/prática, possivelmente teremos maiores dificuldades em nosso estágio de docência e reproduziremos modelos mesmo que tenhamos refletido sobre a necessária mudança na educação.

No caso do curso de letras da UFRGS, aqui tomado como exemplo, este preparo para o estágio restringe-se às quatro cadeiras que discutem a educação e que proporcionam um contato mínimo de observação na escola. A disciplina de Programas para o Ensino de Língua Portuguesa coloca como obrigatoriedade a observação de dez a doze horas de aula, mas não prioriza a ligação de toda a teoria estudada com a prática. A súmula da cadeira visa a "relação língua-ensino e estudo de pressupostos básicos para formulação de programas de língua

portuguesa, além de visão crítica de programas de I e II graus de ensino." Permanece, portanto, na teorização, já que não retoma a teoria estudada até então. A ideia apresentada na súmula é importante, já que é indispensável aprender como formular um programa de ensino, contudo, permanecemos ainda na escola idealizada, uma vez que o planejamento é feito para uma turma fictícia. Desta forma a perspectiva de uma formação docente, real, permanece, uma vez que já no final do curso a disciplina também não dá conta de preparar o discente para ser professor. Mais uma vez a prática não está aliada à teoria e parece estar em segundo plano dentro do curso de licenciatura em Letras UFRGS.

Se até aqui este processo de ensino ainda não contemplou nossas expectativas quanto a nossa formação docente, entendo que o estágio seja de fato este momento de contato com a escola e que seja realmente uma experiência de aprendizagem. Assim, se bem fundamentado, estruturado e orientado, configura-se como um momento em que mais se aprende no curso sobre ser professor, porém, ênfase que este momento tão rico é de tempo insuficiente.

Em artigo publicado na revista Paidéia, a mestra em educação pela PUC (Minas Gerais) Cátia de Oliveira Andrade (2011) afirma que no decorrer de sua experiência como coordenadora de estágios em cursos de formação de professores de ensino médio e superior percebeu que

[...]atribuir apenas ao estágio o papel de articulador entre teoria e prática não é suficiente para preparar os alunos para o exercício da profissão, uma vez que estes, muitas vezes, reclamam do tempo curto para aquele realizado nos períodos finais do curso; do caráter muitas vezes burocrático do curso; da falta de conexão entre o que aprenderam durante a formação e a realidade das instituições onde estagiaram; e de situações constrangedoras que viveram por observar a prática alheia, sendo avaliados por outro profissional numa realidade que pouco conheciam. (ANDRADE, 2011, p.48)

O que diz a autora só corrobora um pensamento comum entre nós licenciandos, o de que a preparação para o exercício da profissão, durante o curso de graduação, não é suficiente para formar o profissional da educação.

A prática pedagógica, refletida e articulada com estudos científicos, é o ideal de formação das universidades em seus cursos de licenciatura. Mas como fazer isso se, como vimos, é recorrente que a formação do profissional começa a se configurar apenas nos estágio e não há espaço suficiente no curso para uma formação integral do licenciando? Como atingir tal objetivo exigindo do aluno de licenciatura que apenas 11% de seu tempo de estudos sejam dedicados ao contato com o ambiente escolar, este que será em breve seu campo de trabalho? Como fazer com que os licenciandos sintam-se preparados para a realização do seu estágio

obrigatório ao final do curso se não há uma suficiente articulação prévia entre a teoria e a prática?

Apesar destes questionamentos, aponto que alguns alunos, segundo relatos, se consideram preparados para o estágio, mas não pela formação acadêmica, e sim por terem feito parte de programas oferecidos pela universidade, que visam uma atuação concreta no ensino ou por terem atuado como professores em outras instâncias que não na universidade, como cursos pré- vestibulares, oficinas, aulas particulares entre outros. Dentre estes, saliento o PIBID⁵, programa de grande importância para minha formação, tendo em vista que é um programa que possibilita nosso acesso à escola e a uma reflexão sobre a prática realizada muito antes dos estágios obrigatórios. Para o pibidiano, então, este momento não será o primeiro contato com o contexto escolar, logo, serão momentos mais tranquilos e com maiores possibilidades de uma boa prática. Não podemos esquecer que, no período de estágio, o licenciando está ocupando momentos de aprendizado dos alunos e, portanto não deveria chegar neste momento sem estar preparado para tal.

Desta forma, como afirmado anteriormente, acredito que o diálogo universidade/escola e teoria/prática ao longo de todo o curso, e não apenas no final do mesmo, possibilitem uma melhor prática de estágio. Com a intenção de verificar se de fato há diferença entre os estágios de alunos pibidianos e não pibidianos, conversei com professores de cadeiras de estágio do curso de letras da UFRGS (relatos escritos pelos professores em ANEXO), perguntando-lhes se, como orientadores de estágio, percebem diferença entre as práticas de alunos que não tiveram nenhuma experiência docente antes do estágio e aqueles que experimentaram a docência (em especial através do PIBID) antes dos estágios.

O professor da cadeira de Estágio II de Língua Portuguesa, conta que no primeiro encontro com seus alunos não costuma perguntar quais são as suas experiências docentes. Porém, durante os seminários (que compreendem as primeiras aulas da cadeira, antes do contato com a escola) vai “recebendo” as respostas, e afirma que as diferenças são “substantivas”. Os alunos com experiência docente são mais seguros: “já têm um plano com três pontos: uma concepção (conceito ou teoria), um *modus faciendi*, método ou estratégia e uma empiria (sala de aula, aluno). Sabem que seu trabalho de professor é tentar articular os três pontos de modo a conseguirem alcançar o que se propõem”. O que não ocorre com os alunos sem experiência que “sequer têm consciência da existência dessas dimensões” e acabam repetindo os modelos de seus antigos mestres. Afirma também que, enquanto os

⁵ Destaco o PIBID porque faço parte deste programa e, por fazer parte dele também o coloco como objeto de pesquisa neste trabalho.

alunos experientes sabem que “tão importante quanto dominar o objeto do ensino é conhecer o sujeito da aprendizagem”, os alunos sem experiência tendem a considerar como importante apenas o domínio do conteúdo. Mas declara que o que mais chama a sua atenção é que este aluno com vivência escolar consegue estruturar projetos e planos de aula “associando atividades com habilidades mentais e com objetivos”, enquanto o aluno sem esta vivência tem extrema dificuldade em articular, planejar e implementar um plano de aulas. “O que percebo como orientador de estágio, que recebe os alunos no último semestre de seu curso, é que programas como PIBID, PET, PPE, realizam o que deveria ser parte integrante do currículo da licenciatura, aplicados os PCNs, as Diretrizes”⁶.

A professora entrevistada tem uma visão dupla desta discussão, uma vez que além de orientadora de estágio é também coordenadora do PIBID-Espanhol. A professora faz o acompanhamento de seus bolsistas e observa que “quando este bolsista /aluno cursa a disciplina de estágio de docência já está “preparado” para enfrentar a realidade da escola. Já tem mais certeza que quer ser um professor e que tipo de profissional será. Ele já sabe organizar melhor as suas aulas, seus projetos.” Como professora da cadeira de estágio há 15 anos percebeu que com a experiência no PIBID seus alunos conseguem “lidar melhor com a precariedade das escolas e ou falta de estímulo dos alunos”. Como solicitado, a professora faz então um comparativo deste aluno experimentado com o aluno não pibidiano e afirma que estes têm muitas dificuldades no estágio, pois lhes falta a interação com a escola.

Ele desconhece o que é pôr na prática um plano de aula, um projeto, ou seja, não entende que o planejamento pode e deve ser modificado de acordo com a sua realidade. Às vezes, não tem noção do quando precisa elaborar ou preparar para determinada atividade, ou ainda se essa atividade poderá funcionar, pois conhece todas as teorias, porém tem pouca ou nenhuma prática e conhecimento da realidade escolar. Em pouco tempo ele tem que conviver com a prática e a teoria e aliar as duas à escola que ele vai estagiar. O aluno, às vezes, tem uma certa insegurança ao enfrentar a sala de aula, pois nunca se enfrentou com 30 ou mais alunos e de repente ele é levado a assumir uma turma de alunos que apenas observou por algumas aulas e conviver com uma realidade completamente desconhecida até agora.

A professora finaliza seu comentário afirmando que vê o PIBID como um programa que prepara o graduando para os estágios de docência e, corroborando a ideia apresentada neste trabalho do PIBID, como parte do processo de formação docente.

⁶ Aqui o professor se refere ao fato de que em 2004 o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade publica a Resolução 04/2004 aprovando as diretrizes para o plano pedagógico das licenciaturas da UFRGS determina, no artigo 2º que seja estimulada a articulação entre a teoria e a prática, tanto na formação pedagógica quanto na formação específica.

2. Metodologia de pesquisa

Ao longo de minha jornada acadêmica, fui percebendo o quanto os ensinamentos recebidos se mantinham a distância da prática docente em si, diferentemente do que esperava, uma vez que havia ingressado no curso de licenciatura vislumbrando a carreira de professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Este distanciamento não foi percebido apenas por mim. Em conversas com os colegas pude entender que essa não era apenas a minha visão sobre o curso, mas a da maioria dos estudantes que objetivavam ser professores. Como tinha a intenção e o desejo de trabalhar com a docência, fui buscar fora do currículo, assim como muitos de meus colegas, aquilo de que sentia falta: o contato com a sala de aula. Nesta busca, através de amigos, encontrei o PIBID, e, no PIBID, encontrei o que buscava.

O contato com a realidade escolar e as experiências pibidianas vividas me deram ainda mais certeza de que necessitávamos, nós licenciandos, deste aprendizado como sendo parte fundamental do curso. Pensando assim é que fui delineando este trabalho e senti que precisava confirmar, através de pesquisa, o sentimento comum entre os estudantes de Letras da UFRGS de que o curso necessita dar conta da preparação de seus licenciandos para a prática docente reflexiva e não a conservadora dos antigos modelos.

Buscando, então, confirmar esta tese de que a inserção do licenciando em sala de aula, desde os primeiros semestres, irá prepará-lo melhor para os estágios e para o trabalho docente, e que o PIBID é um meio possível para esta inserção, realizei uma pesquisa entre os estudantes de licenciatura no curso de Letras. Por se tratar de experiências muito subjetivas decidi realizar uma pesquisa de natureza qualitativa, para que pudesse dar conta de descrever esta relação dos sujeitos licenciandos com o curso e a profissão docente. Porém, para que fosse possível visualizar melhor as diferenças entre as experiências de alunos pibidianos e não pibidianos, utilizei alguns gráficos estatísticos.

Sendo assim, nesta seção, delinearei os objetivos pretendidos com a pesquisa e descreverei o corpus e as questões levantadas como método de investigação.

2.1. Objetivos pretendidos

A pesquisa realizada teve por objetivo entender se o curso de licenciatura preparou suficientemente os licenciandos para a prática de estágio e se o PIBID (para aqueles que participaram do Projeto) contribuiu para uma melhor prática de estágio e uma mais completa formação docente.

2.2.O corpus

O *corpus* de pesquisa deste trabalho é constituído por alunos de licenciatura dupla ou simples que ingressaram na universidade objetivando a docência, ou seja, que ao buscarem o curso de licenciatura almejavam tornarem-se professores. Os colaboradores deveriam, necessariamente, ter concluído ao menos um dos estágios obrigatórios do curso e poderiam ou não ter participado do PIBID.

Para poder fazer um comparativo entre as experiências acadêmicas de alunos pibidianos e não pibidianos, busquei um equilíbrio entre os entrevistados, de forma que não houvesse grande diferença entre o número de colaboradores pibidianos e não pibidianos.

Ao todo foram 17 entrevistas e, destas, 9 foram ou são participantes do PIBID e 8 nunca participaram do projeto. A pesquisa foi realizada em formato de questionário que foi entregue aos entrevistados via email para que respondessem e o enviassem respondida também por email. Nesse momento enfatizei aos entrevistados que, se houvesse alguma dúvida, estaria à disposição para esclarecimentos. Optei em não realizar a pesquisa pessoalmente para que os voluntários pudessem utilizar o tempo que desejassem para reflexão, e para que se sentissem à vontade para se expressarem, uma vez que poderia haver críticas a pessoas e a um sistema ao qual ainda estão ligados.

A primeira e a segunda questão buscavam saber se as expectativas do estudante, em relação ao que esperavam do curso, foram atendidas e, em caso de uma resposta negativa, se isso o fez pensar em desistir do curso. Ao formular estas questões, objetivei saber o quanto o formato do curso poderia contribuir para o índice de evasão na Letras e confirmar a ideia de que a distância do ensino da prática, ao longo do curso, e o contato tardio com a escola desestimulavam os futuros docentes.

A terceira e a quarta questão eram a cerca da prática de estágio. Buscava uma reflexão sobre como o licenciando, contando apenas com a formação acadêmica, sentiu-se (preparado ou não) para a realização dos estágios e uma reflexão sobre a prática em si (sucesso ou insucesso) e o que de fato o preparou para tal. Aqui buscava a confirmação de que o curso é insuficiente como preparação para a prática docente.

Na quinta questão perguntei explicitamente se os licenciandos consideravam que o curso deveria ser mais voltado para o aprendizado da prática docente e como achava que isto deveria ser feito.

As duas últimas questões só poderiam ser respondidas por pessoas que participam ou participaram do PIBID e foram formuladas com intenção de buscar comprovação de que o

PIBID complementa a formação acadêmica de seus bolsistas, proporcionando experiências não oferecidas pelo curso.

3. Análise das questões

A primeira leitura das respostas dadas, realizei como aluna estudante de licenciatura. Identifiquei-me com a grande maioria e percebi alguns pontos de vistas, que, por não serem os mesmos que os meus, não havia vislumbrado.

Em um segundo momento, dei às questões um olhar mais analítico, buscando identificar, dentro das respostas dadas, as questões levantadas como tese deste trabalho. Para isso realizei primeiramente uma leitura linear de cada questionário e posteriormente analisei as respostas de cada questão, fazendo um comparativo e compilando as informações.

Na questão 1, que indaga se o Curso de Licenciatura atendeu às expectativas do licenciando, as respostas foram bem variadas. Desde pessoas muito insatisfeitas e decepcionadas com o curso, passando por uma satisfação ou insatisfação parcial, até pessoas totalmente satisfeitas com o currículo. Isso demonstra as diferentes expectativas em relação ao que oferece o curso e talvez venha ao encontro do que afirma Gatti (2010) quando diz que grande parte das ementas dos cursos de licenciatura registra frases genéricas, não permitindo identificar conteúdos específicos. Apenas seis (6) pessoas responderam que o curso atendeu às suas expectativas, cinco (5) pessoas responderam que não, e o restante teve suas expectativas atendidas em parte. Dos que não tiveram suas expectativas atendidas, ou que as tiveram apenas em parte, seis (6) entrevistados relataram que esperavam que o curso fosse mais focado no ensino e que aprenderiam mais sobre como atuar em sala de aula. Um dos entrevistados, muito decepcionado com o curso, relatou ter sido desestimulado inclusive por professores dizendo que "pra quem tá começando a vida de professor é ótima e feliz, vocês chegam com todo o gás, mas só quero ver vocês com essa animação daqui a dez anos" e lamenta dizendo que "o lugar onde tu deverias encontrar apoio é justamente dentro do curso que tu escolheu". Dos que responderam "sim", apenas um justificou dizendo que não tinha uma noção clara do que iria encontrar, mas que, como tem a intenção de seguir carreira acadêmica, acredita que o curso o tenha preparado para tal.

A segunda questão tinha o objetivo de perceber se o fato de o aluno não encontrar o que buscava no curso o fez pensar em desistir da formação. Oito dos entrevistados afirmaram que pensaram em desistir do curso, alguns, em mais de um momento. Como justificativa, cinco destes oito entrevistados, relatam que pensaram em desistir porque o curso não os estava preparando para o trabalho docente. Dos outros entrevistados, dois pensaram em desistir por motivos pessoais e um por falta de apoio da universidade em relação à profissão em si. Todos os relatos de desistência referiram que pensaram em desistir na parte inicial do

curso. Um dos entrevistados que pensou em desistir no início do curso relata que quando começou a fazer os estágios de docência voltou a se “animar com o curso”. Outro afirma ter pensado em desistir por ter ficado decepcionado, pois “o curso traz muitas reflexões, mas poucas soluções do quê e como trabalhar realmente em sala de aula”.

A terceira questão buscava saber se o curso de licenciatura havia sido suficiente como preparação para a prática de estágio. Apenas três licenciandos sentiram-se preparados pelo curso para o momento do estágio. Dos outros entrevistados, três disseram que se sentiam preparados “em parte” pelo curso (os três fizeram parte de PIBID e suas respostas não foram conclusivas, pois acabaram por citar o PIBID, o que deu a entender que o preparo para o exercício do estágio foi complementado pelo projeto). Dez entrevistados responderam não considerarem que o curso os tenha preparado para os estágios. Destes, nove afirmam que o curso é muito teórico e que faltou relacionar esta teoria com a prática: “senti-me tranquila em relação à teoria[...]foi bem complicado colocar a teoria na prática”, relata uma das colaboradoras. Alguns acrescentaram sentirem falta de cadeiras de didática e de conhecerem a realidade da escola básica. Uma destas nove pessoas resumiu o que parece ser o sentimento dos licenciandos em relação ao curso ao dizer que o curso é predominantemente teórico e que “formam-se, assim, críticos literários e excelentes pesquisadores, além de professores despreparados para lidar com a realidade educacional da nossa sociedade”. Um entrevistado desviou o foco da questão e não respondeu ao questionamento.

A quarta pergunta, que questionava como havia sido a prática de estágio e a que o estudante atribuía o sucesso ou insucesso desta prática, foi a questão mais difícil para análise, uma vez que muitos dos entrevistados não deram respostas precisas. Três dos entrevistados classificaram a experiência como um desastre. Destes três, um havia tido experiência no PIBID, e este foi o único entrevistado pibidiano que relatou ter tido dificuldades com a prática. O restante dos bolsistas considera que teve uma boa prática e classificou a experiência entre “dentro do esperado” e “experiência maravilhosa”. Dos estagiários não pibidianos, dois tiveram uma experiência “desastrosa” no primeiro estágio, mas relatam que o segundo estágio foi melhor. Um tinha experiência anterior fora do PIBID e relata ter tido um ótimo estágio. Outro relata que o sucesso de sua prática deu-se pela experiência e tranquilidade de sua dupla que havia participado por muito tempo do PIBID. Dos outros quatro entrevistados não pibidianos, um considera que seus estágios foram positivos, outro que foi melhor do que esperava e os outros dois não dão uma resposta direta iniciando sua fala com frases como: “A prática traz a perfeição, melhora a qualidade”, “É possível notar uma melhora de um estágio para outro, conforme fui adquirindo experiência na prática docente”. Cinco dos sete

entrevistados que não tiveram experiências anteriores relatam que a experiência do primeiro estágio contribuiu para uma melhor prática no segundo.

A questão número cinco buscava saber se o licenciando considerava importante que o currículo da licenciatura fosse mais voltado à preparação dos futuros docentes para o trabalho em sala de aula e ainda questionava como achava que isso deveria ser feito, caso achasse que sim. Dos dezessete entrevistados apenas dois acharam ser desnecessário que o curso fosse mais voltado à preparação da prática docente. É interessante observar que estes dois entrevistados tomaram, dentro do seu percurso acadêmico, o caminho da pesquisa e não têm a intenção de atuar como professores. Os outros entrevistados responderam que sim e enfatizaram que essa preparação deveria ser feita através do efetivo contato com a escola, exercício de práticas pedagógicas desde o início do curso, prática de planejamento de aulas e mais discussão à cerca da educação. A quase unânime opinião de que é necessário um melhor preparo para a carreira docente condiz com a ideia apresentada neste trabalho de que há uma deficiência acadêmica no preparo dos futuros profissionais docentes.

As últimas questões, diretamente relacionadas à experiência no PIBID, foram respondidas apenas por entrevistados participantes do programa. A primeira questão referente à participação no Programa questionava o que o estudante procurava ao ingressar no PIBID. Dos nove entrevistados, sete buscavam o contato com a sala de aula, uma experiência com a escola real. Um entrevistado relatou que buscava uma preparação para os estágios e outro uma confirmação de sua escolha profissional. De qualquer forma, pode-se considerar que todos procuraram a prática docente.

A segunda questão para quem participou do programa procurava saber como e quanto o PIBID contribuiu para a sua formação como docente e para a preparação para os estágios. A esta questão cem por cento dos entrevistados respondeu que o PIBID contribuiu de forma significativa para sua formação. E, apenas uma pessoa alega que mesmo com a preparação recebida pelo programa não se sentiu preparada para os estágios. Os outros oito entrevistados citam diversas contribuições do Programa para a sua formação. Relatam que as experiências pibidianas os deixaram mais confiantes e seguros para ministrarem as aulas de estágio. Esta segurança é atribuída pelos entrevistados ao fato de estarem ambientados com a realidade escolar e as dinâmicas da sala de aula. Somados a isso os estudos e reflexões à cerca da educação e o aprendizado sobre didáticas e planejamentos de aulas contribuíram para a sua formação docente. Uma das entrevistadas conta que o PIBID foi “um divisor de águas. Aluna antes do PIBID e a Professora em formação depois do PIBID”. Afirma que foi sua experiência no PIBID que a fez ter certeza de que queria ser professora

Antes do PIBID eu não sabia se realmente queria a docência porque nunca havia me enxergado efetivamente, na prática, como professora. Eu era a aluna em todas as situações. Como bolsista do PIBID, fui para a sala de aula, conheci sujeitos reais, com necessidades e desejos reais. Desejo de aprender, desejo de não estar lá, desejo de te conhecer melhor, de ler aquele livro que você selecionou com muito cuidado para a aula. Há também toda a formação que o Programa proporciona, como as reuniões, os seminários, a elaboração de projetos. Isso muda tudo... Muda toda a perspectiva sobre você mesma enquanto estudante e profissional em formação. Imagina chegar no estágio sem essa perspectiva! [...] Além de lidar com o desejo dos alunos (vários, muitas vezes conflitantes), você precisa lidar com o seu desejo (ou dúvida) sobre a docência, o medo e as expectativas sobre a prática. O PIBID me fez querer ser a professora que sou (ainda em formação, mas com bases muito mais sólidas).

A respeito do sentimento dos licenciandos em relação ao curso, entendo que, se apenas 35% dos mesmos teve suas expectativas atendidas, há algum problema. Seja este problema as ementas evasivas ou, o que imagino que seja, de o curso não estar enxergando as reais necessidades de seus acadêmicos, que relataram, em sua maioria, que esperavam que o curso fosse mais focado no ensino e que aprenderiam mais sobre como atuar em sala de aula. Isso fica mais claro quando, na segunda questão, quase metade dos entrevistados relatam que pensaram em desistir do curso. Destes, 62,5% justificam esta vontade de desistir com o fato de que o curso não os estava preparando para o trabalho docente. Além disso, os entrevistados que relataram sua vontade de desistir, disseram que isto se deu na primeira metade do curso, o que pode ser relacionado com o tardio contato com o espaço escolar, uma vez que é a parte do curso que trata somente da teoria. Os gráficos 1 e 2 demonstram a porcentagem de alunos entrevistados que teve as suas expectativas atendidas e que porcentagem de alunos pensou em desistir do curso.

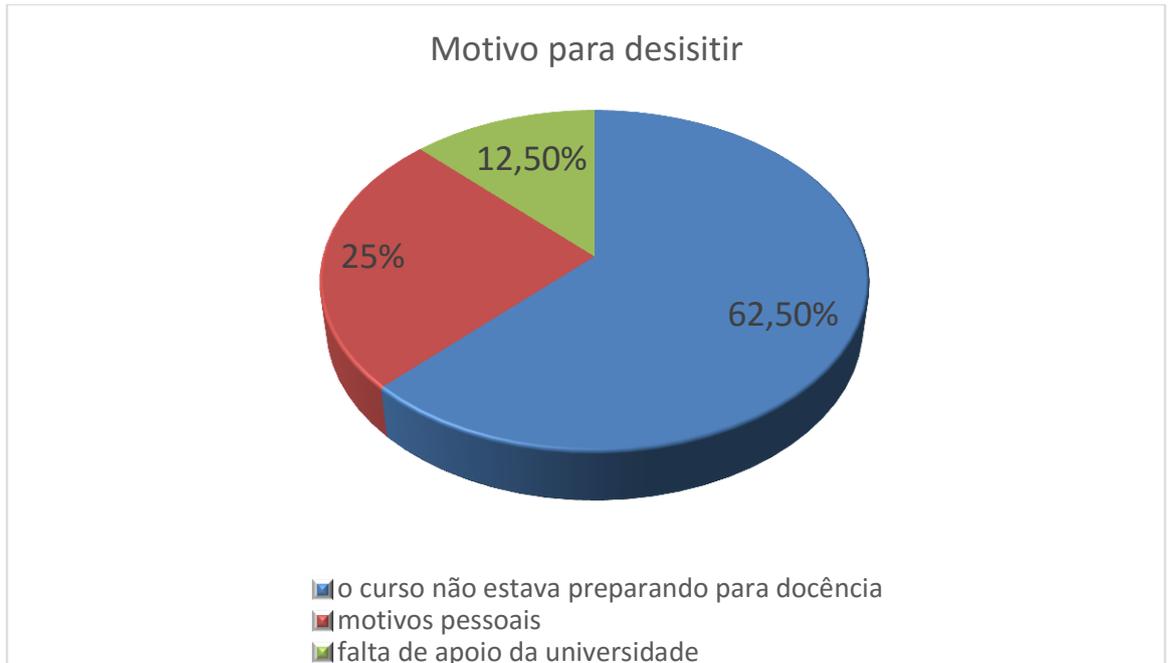
Gráfico 1



Gráfico 2

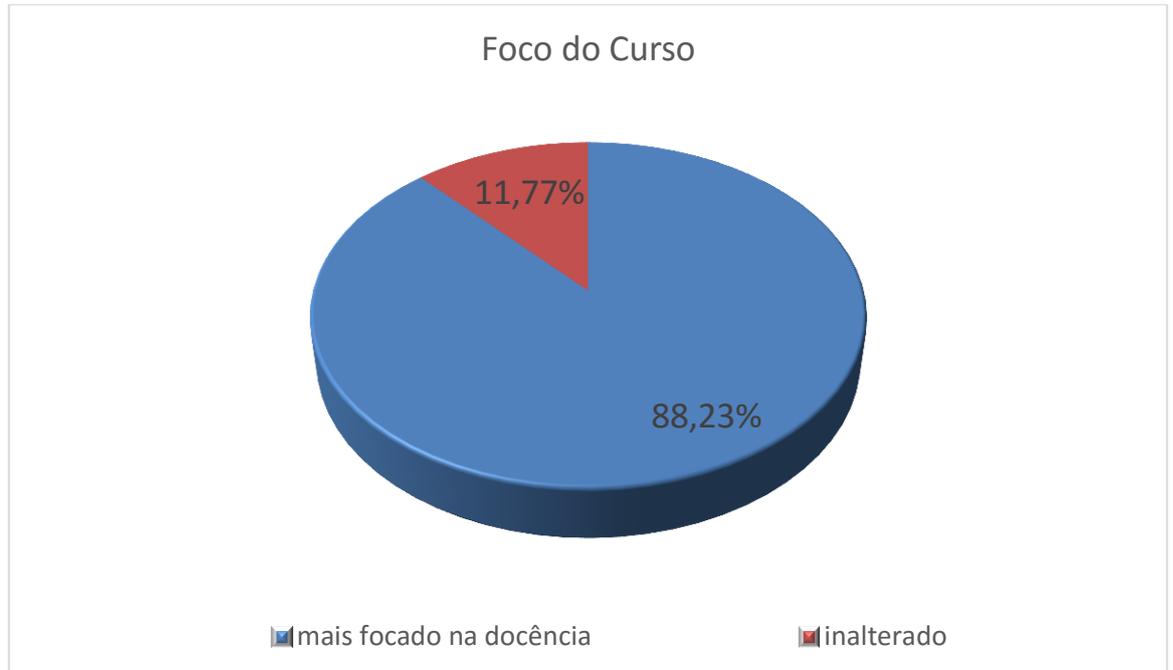


Gráfico 3



Em relação aos estágios, apesar de 58,82% dos entrevistados terem afirmado que o curso não os preparou para este momento, apenas 3 pessoas relataram não terem tido uma boa experiência. No entanto, os relatos de dificuldades e sentimento de não conseguir transpor a teoria para a prática foram muitos. Além disso, dez dos entrevistados relatam ter tido experiências anteriores e, mesmo que não diretamente respondido na questão quatro, deixam claro, ao longo de suas respostas o quanto a experiência fez a diferença. Também é possível perceber nas respostas, o aprendizado com o próprio estágio. Dos alunos que não tiveram experiências anteriores 71,43% relatam que se sentiram mais confiantes conforme foram adquirindo experiência, ou seja, tiveram uma melhor prática no segundo estágio, em relação ao primeiro. De qualquer forma, mesmo que a grande maioria tenha considerado que suas práticas foram positivas, ainda assim 88,23% dos respondentes consideram que o curso deveria ter mais horas de aprendizado sobre a prática em si. O gráfico 4 demonstra a opinião dos entrevistados em relação ao foco do curso de Letras licenciatura.

Gráfico 4



Em relação à experiência pibidiana, fica clara a contribuição do projeto como parte da formação acadêmica dos participantes. Todos os entrevistados participantes do projeto afirmam que o PIBID foi importante em sua formação acadêmica. Houve um único relato em que o licenciando participante do projeto não teve uma boa prática. O restante dos entrevistados pibidianos deixam claro em seus relatos que o PIBID foi muito importante para que, através do contato com a realidade escolar, os preparasse para os estágios de docência. O gráfico 5 demonstra a importância do PIBID na formação acadêmica dos entrevistados e o gráfico 6, a porcentagem de boas práticas entre os pibidianos.

Gráfico 5



Gráfico 6



Assim, ao fazer a análise das questões, ficou clara a necessidade do licenciando de estar em contato com a escola desde os primeiros semestres, assim como ficou clara a função formadora realizada pelo PIBID.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sala de aula não é um ambiente desconhecido do estudante de licenciatura, uma vez que ele já foi e é aluno. Porém, se este aluno não quiser reproduzir sem questionar, essa experiência não será o suficiente para prepará-lo como educador. O contato com a realidade escolar é defendido por autores como Gatti(2010), Tardif (2000), Uberti (2013), Uberti e Bello (2013), entre outros citados neste trabalho. É tido por estes autores como essencial na formação docente e como um problema a ser resolvido nos currículos dos cursos de licenciatura.

Pensando assim, pois que meu pensamento vai ao encontro do pensamento destes autores, neste trabalho me propus refletir sobre a formação de professores, com base no curso de licenciatura em letras da UFRGS, através de uma pesquisa realizada com estudantes deste curso. O objetivo central deste estudo era buscar a comprovação, através da pesquisa, de que os cursos de licenciatura deveriam dar maior importância para a inserção do estudante de licenciatura no ambiente escolar, desde os primeiros semestres de graduação, e destacar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como meio possível para esta inserção e para preparação aos estágios de docência obrigatórios.

Destaco que, como licencianda em Letras e bolsista do PIBID, estas questões foram, ao longo do curso, chamando-me a atenção e causando uma preocupação em relação aos licenciandos que não tinham a oportunidade de participar do PIBID. São professores que irão para a sala de aula despreparados, o que é a causa de muitos casos de exoneração.

Acredito que tenha sido possível comprovar através da pesquisa que o licenciando não tem se sentido preparado para a docência apenas com o que o curso de licenciatura oferece. Sente que, se pudesse estar em contato com a escola logo ao início do curso e por um tempo mais longo, sentir-se-ia mais seguro para o trabalho docente. A análise de dados comprovou também que o PIBID tem grande importância para a formação dos seus bolsistas e que os prepara para a prática de estágio docência.

Diante desta perspectiva penso que seria necessária uma pesquisa ainda mais ampla, que desse conta de identificar estes problemas e realizar os necessários ajustes para que a classe de professores, ao ir se renovando, possa também estar se tornando cada vez mais qualificada.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Kátia de Oliveira. A relação teoria e prática na formação inicial de professores para a educação infantil. **Paidéia** r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú., Univ. Fumec, Belo Horizonte, Ano 8, n.10, p. 47-64, jan./jun. 2011. Disponível em <www.fumec.br/revistas/paideia/article/download/1300/881> Acesso em 20/10/2015.

BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. XVII SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO PESQUISA E EXTENSÃO, 2012. **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores.** Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>> Acesso em 22/10/2015.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES), Educação Básica, PIBID, 2008. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>> Acesso em: 02/12/2015.

FELÍCIO, Helena Maria dos Santos; OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar**, Curitiba, n.32. p. 215- 232, 2008. Editora: UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a15>>. Acesso em 02/11/2015.

FREITAS, Celma. A prática em Bourdieu. **Revista Científica FacMais**, Volume. I, Número I, 2012/1º Semestre. Disponível em: <http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2012/04/1.A-PR%C3%81TICA-EM-BOURDIEU-Celma-Freitas1.pdf> >. Acesso em: 12/01/2016.

GATTI, B.A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf> > Acesso em 22/10/2015.

NEVES, Carmem Moreira de Castro. Pibid: uma política de Estado para a formação docente. In: UBERTI, Luciane; BELLO, Samuel E. L.(Orgs.). **Iniciação à Docência: articulações entre ensino e pesquisa.** São Leopoldo: Oikos, 2013. Prefácio, p.7-12.

PIMENTA, S.G. Professor- pesquisador: mitos e possibilidades. **Contrapontos**, vol.5, n.1, p. 09- 22, Itajaí, jan/abr, 2005. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/802/654>

PIMENTA, S.G., Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências na formação e na atuação docente. In: PIMENTA, S.G.; GHEDIN, Evandro;

FRANCO, M. A. S. (Orgs.). **Pesquisa em educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, 5-24. 2000. Disponível em: http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE13/RBDE13_05_MAUURICE_TARDIF.pdf. Acesso em: 26/09/2015.

SANTOS, Flávia M. T. Prefácio. In: STURM, I.N.; NAUJORKS, Jane (Orgs). **Iniciação à docência em Letras: experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

SANTOS, Simone Valdete dos. Apresentação. In: COSTELLA, Roselane Zordan; HOFSTAETTER, Andrea; STURM, I.N.; UBERTI, Luciane (Orgs.). **Iniciação à docência: reflexões interdisciplinares**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

UBERTI, L.; BELLO, Samuel E. L. A docência- pesquisa em movimento no PIBID. In: UBERTI, Luciane; BELLO, Samuel E. L. **Iniciação à Docência: articulações entre ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2013.p.17-32.

UBERTI, L. Experimentar-pensar-produzir a docência no PIBID-UFRGS. In: UBERTI, Luciane; BELLO, Samuel E. L. **Iniciação à Docência: articulações entre ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2013.p.221-230.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Legislação, RESOLUÇÃO Nº 04/2004 de 28 de janeiro de 2004, artigo 5º. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cepe/legislacao/resolucao-no-04-2004-de-28-01-2004>> Acesso em: 02/12/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Projeto Pedagógico do Curso de Letras, Perfil de Egresso, 2011. Disponível em: <<https://www1.ufrgs.br/ensino/projetopedagogicocurso>> portal do aluno. Acesso em 02/12/2015.

ANEXO 1

Questionário

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

- 1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?
- 2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?
- 3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?
- 4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?
- 5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Caso participe ou tenha participado do Pibid

- 1) O que buscava ao entrar no Pibid?
- 2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Anexo B

Colaborador 1

Possível colação em: 1º semestre de 2016

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Em sua maior parte. Penso que a parte do ensino, de como atuar em salas de aulas deveria começar mais cedo e se o foco principal de um curso de licenciatura.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não pensei em desistir, mas me senti bem desestimulada e desconfortável, no início do curso quando alguns professores comentavam em sala de aula que a universidade era para jovens e jovens que não trabalhassem.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Senti-me tranquila em relação à teoria, creio que temos mais que o suficiente e não desmereço o seu papel, porém senti falta de cadeiras didáticas, de como aplicar o conteúdo. Foi bem complicado colocar a teoria na prática.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Surpreendi-me com as minhas práticas de ensino. Assustei-me em um primeiro momento, não estamos tão preparadas quanto a universidade pensa. A prática traz a perfeição, melhora a qualidade. Do estágio I para o II, senti a diferença no meu aprendizado. No estágio I, quando entrei na sala de aula, não tinha muita noção de como preparar uma atividade, precisei da ajuda da orientadora para começar. No estágio II consegui usar a teoria a meu favor e o que tinha aprendido no estágio para pensar o que seria mais adequado ensinar e como fazer.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito? Vamos trabalhar em sala de aula, não? Então as disciplinas que nos dão a ferramenta para isso devem nortear o curso. Acho importante a teoria, mas ela deveria ser usada com exemplos reais. Entendo que a faculdade exija um conhecimento prévio da gramática, mas a maneira como devemos ensiná-la (de alguma forma em algum momento o ensino de gramática é necessário) tem que ser vista com mais afinco no curso. Temos nossos textos corrigidos, mas em que momento nos ensinam a corrigir textos? Até mesmo nas disciplinas de literatura poderia se ter momentos de aplicabilidade, uma disciplina de dois créditos (seminário para o ensino de literatura), que por sinal é bem interessante não é suficiente para isso. Incluir mais disciplinas voltadas ao ensino de sala de aula, de como selecionar conteúdos, como corrigir textos, como orientar uma produção, só traria mais qualidade ao futuro professor. Concordo totalmente com o ensino partindo do texto, proposto pela universidade. Percebi que na prática funciona muito bem, mas deveríamos sair melhores preparados para pôr ele em prática.

Anexo C

Colaborador 2

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

No início do curso tinha outra ideia do que era, e com o passar dos semestres fui percebendo que, na verdade, o curso é melhor ainda. Acredito que quase todos que entram em letras (na dupla ou somente português) imaginam que estudarão a gramática tradicional apenas e para mim não foi diferente. No início não era o que eu esperava, mas me surpreendi positivamente.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não. Apenas desanimei em alguns momentos, mas desistir não.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não penso que tenha sido suficiente. Acredito que muitas disciplinas que fazemos não fazem o *link* da teoria com a prática, ficando somente no plano teórico. Acredito também que apenas observar aulas, como algumas cadeiras nos pedem, não é suficiente para ter uma preparação satisfatória antes de chegar ao estágio. Penso que desde as primeiras cadeiras se deveria pensar em como planejar aulas ou em como o que está sendo desenvolvido na disciplina poderia contribuir para a prática do professor em sala de aula, visando não só a pesquisa, mas também a prática docente.

4) Como foi a sua prática de estágio?

A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática? Todos meus estágios foram muito positivos, pois pude aplicar tudo que aprendi – como planejar aulas, projetos etc – em sala de aula. Tenho certeza que a experiência de ser bolsista do PIBID foi o motivo de eu me sentir mais preparada para os estágios.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim. Acredito que em algum momento das disciplinas deveria haver uma reflexão, ao menos, de como determinado assunto poderia contribuir positivamente pra a prática docente ou de que forma isso poderia ser aplicado em sala de aula, seja para o proveito do próprio professor, seja para o aluno.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Experiência em sala de aula e saber como planejar as aulas. Buscava saber a parte da prática mesmo.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Contribuiu para que eu me sentisse mais segura ao entrar numa sala de aula; a lidar com alunos de várias idades, já que tive a oportunidade de ministrar aulas tanto no ensino fundamental, quanto médio; experienciar a escola e a rotina escolar, junto com os professores, direção, coordenação pedagógica e alunos e, dessa forma, pude vivenciar a realidade da escola pública.

Anexo D

Colaborador 3

Possível colação em: 2016/1

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas? Não.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim. O curso em si traz muitas reflexões, mas poucas soluções de o quê e como trabalhar realmente em sala de aula. Por isso foi um pouco decepcionante. Além disso, traz muitas disciplinas que pouco tratam de sala de aula como as Teorias da Literatura. Os professores, muitas vezes, idealizam a escola pública e seus alunos, causando-nos um baque quando, de fato, entramos lá.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não, creio que tenha faltado a realidade da sala de aula, ou seja, ter consciência do desinteresse dos alunos.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática? Péssima. Atribuo ao desinteresse dos alunos. Por mais que eu tentasse me aproximar da idade, da realidade deles, nada lhes chamava a atenção. Além disso, eram muito bagunceiros e desrespeitosos comigo.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim, acho que deveríamos ter inserções obrigatórias em sala de aula desde cedo e disciplinas com professores que realmente conhecem o dia-a-dia e a realidade das escolas públicas, não com aqueles que vivem, muitas vezes, na bolha da universidade.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Uma preparação para os estágios.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Contribuiu para eu perceber como era a realidade dos alunos, quais eram seus interesses, mas quase nada disso ajudou, na prática, para meu estágio. Como o PIBID era em dupla, eu tinha ali um suporte, e os alunos viam o PIBID como uma atividade quase que extraclasse, divertida, diferente da rotina de sala de aula. No estágio foi muito diferente: estava sozinha e os alunos me encararam como mais uma professora tradicional, apesar dos meus esforços de fazer a diferença.

Anexo E

Colaborador 4

Possível colação em:

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim, embora eu não tivesse uma noção clara do que esperava encontrar. Como pretendo seguir na academia, pesquisando para mestrado e doutorado, acredito que o curso tenha atendido às expectativas para isso.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não, nos semestres finais me senti mais confiante com minha escolha, principalmente relacionado a escolha da língua estrangeira e, após os estágios, pretendo seguir dando aulas de espanhol.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Acredito que deveríamos ter mais cadeiras de gramática tradicional. Entendo que nosso foco na aula de língua portuguesa não seja esse e sim ensinar a partir dos gêneros do discurso. Mas como professores devemos ter domínio da gramática dita tradicional, e nem nas escolas esses conteúdos são ensinados de forma eficiente, logo saímos do curso sem saber realmente esses conteúdos.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Minhas práticas de estágio em língua espanhola foram ótimas, principalmente na turma de EJA. Os alunos são interessados e participativos. A possibilidade de aliar o conteúdo aos elementos culturais me motivava a pesquisar mais e planejar aulas interessantes que juntassem a língua e a cultura.

Em relação ao estágio de língua portuguesa não estava tão empolgada. Primeiramente porque parece que o texto a ser trabalhado deve “cair do céu”. A mudança de ensinar gramática sem um objetivo para focar a aula nos gêneros do discurso é algo difícil, embora necessário, requer estudo, leitura.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Acredito que sim. A grande maioria dos alunos sairá para dar aulas nas escolas de ensino fundamental e médio e, por exemplo, para as cadeiras de literatura há muita teoria sobre a literatura, muitas cadeiras de literaturas brasileiras, mas pouquíssimas oportunidades em que aprendemos a como planejar e executar uma aula de literatura interessante e útil para os alunos. Outra forma de nos preparar melhor poderia ser através de cadeiras para a área da educação mais úteis, que se voltassem também para a prática de ser docente e não tantas

teorias.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1)O que buscava ao entrar no Pibid?

Buscava ter minha primeira experiência como professora de português como língua materna.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Acredito que tenha me deixado mais tranquila quanto ao fato de dar aulas de português para falantes nativos, me senti mais confiante para os estágios e para exercer a profissão.

Anexo F

Colaborador 5

Possível colação em: 2015/02

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Em partes;

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

As práticas ocorreram dentro do esperado. Minha preocupação estava focada nos alunos que pareciam não compreender os assuntos trabalhados, o que poderia causar a falta de gosto em estudar.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Acredito que sim. Mas o curso, por si só, não é suficiente. A universidade deveria dar mais apoio as licenciaturas, inclusive na formação de programas próprios semelhantes ao Pibid. A postura da universidade não só reflete nas salas acadêmicas, mas também nas escolares. Essa modificação começa através da valorização da docência.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Experiência em sala de aula e em escola, além das proporcionadas pelo estágio.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

A experiência trouxe confiança para estar diante de uma turma e ter segurança para me expressar. Os projetos e oficinas auxiliam a pensar formas interessantes para ensinar.

Anexo G

Colaborador 6

Possível colação em: Letras Lic. Português – Espanhol

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Algumas vezes sim, outras vezes não. Acredito que nossa formação visa, pelo menos, em 70% do tempo a formar pesquisadores e não professores.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Pensei em desistir sim. Algumas vezes por me sentir deslocada, por não sentir que o professor se importava comigo, com os alunos da escola pública. Ou quando o ensino era muito tradicional e não trazia informações sobre como trabalhar aquilo na futura profissão.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não. Não me senti preparada pois poucas vezes aprendemos a aplicar as tarefas em sala de aula. Também não aprendemos os conteúdos básicos que ensinaremos, pois é subentendido que devemos saber por conta própria, porém isso nos deixa inseguros para construir o conhecimento com o aluno.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

As práticas sempre agregam experiências positivas e negativas, uma vez que estamos lidando com sujeitos que podem aceitar e se identificar com a matéria ou não. Acredito que tive mais experiências positivas e aprendi com meus erros e acertos. A prática deveria acontecer muito tempo antes, pois ela nos coloca no mundo real, no que será nosso futuro ambiente de trabalho. O sucesso ocorre quando o professor está bem preparado quanto ao conteúdo e à dinâmica da aula que ministrará. Além disso, o sucesso se dá ao estar aberto a adaptar as aulas pensando naqueles determinados sujeitos.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim, com certeza. Acredito que trabalhando com observações em escolas desde o primeiro semestre. Criando uma rede de parceria com as escolas públicas e levando os licenciandos da universidade a atuar desde o começo do curso em conjunto com professores já formados e com os alunos, sendo monitores, por exemplo. Creio, também, que os professores acadêmicos devem voltar mais suas aulas ao ensino, pois muitas vezes o conteúdo é aprofundado mas não sabemos como abordá-lo em sala de aula futuramente.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Buscava a prática. Queria entender se a licenciatura era realmente o que queria. Queria me sentir mais preparada para atuar após formada.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Aprendi a preparar aulas, a pensar no tempo das atividades, a fazer planos de aula. Aprendi a usar o lúdico, a criar atividades dinâmicas, a incentivar o interesse pela língua. Tudo isso me fez estar melhor preparada para as práticas de estágio e para a docência.

Anexo H

Colaborador 7

Possível colação em: 2016/1

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Eu diria que atendeu 80% das minhas expectativas, ou necessidades, em relação à licenciatura em letras.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim, por volta do quarto semestre. Primeiro por uma questão pessoal, porque passei por um problema de saúde e comecei a reavaliar minhas escolhas. Em segundo lugar, eu não tinha certeza se que queria a docência. Isso mudou dois semestres seguintes, quando entrei no PIBID.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Com certeza não... principalmente no que tange a língua. Minha ênfase é Língua Inglesa, e eu não me sentia preparada para atuar em sala de aula. Só temos uma cadeira obrigatória no currículo voltada para a reflexão sobre a prática em sala de aula (de L.I), que não é suficiente. Em Didática da Língua Inglesa, ao mesmo tempo em que lemos textos teóricos sobre o ensino de L. I. e refletimos sobre eles, já temos que observar aulas em uma escola pública e uma particular. Acredito que o esforço [de pelo menos oferecer uma oportunidade para trabalhar o ensino de L.I. na escola básica) é válido, mas apenas essa disciplina voltada para o ensino da língua estrangeira moderna não é suficiente, pois é um semestre pré-estágio. A disciplina poderia ser dividida em, no mínimo, duas cadeiras: uma para a leitura, reflexão sobre textos teóricos e elaboração de material pedagógico (planejamento de aulas) e outra de observação e reflexão.

Quanto à Língua Portuguesa, desde o segundo semestre disciplinas da FACED já exigiam que eu observasse aulas em escolas públicas e refletisse sobre o ensino que encontrava lá, então eu já estava mais preparada. Participar do PIBID fez total diferença nesse processo de estágio, na medida em que eu já sabia como organizar um plano de aula, como planejar e estruturar as aulas, já havia aprendido a buscar e selecionar material, etc, de forma que cheguei ao estágio de L.P. sentindo-me preparada para tal. Sem essa oportunidade, acredito que o sentimento seria outro, visto que, como expliquei na resposta anterior, até o quinto/sexto semestre eu não tinha certeza se queria mesmo a docência, e nenhuma observação de aula me ajudou ou poderia ajudar nisso, apenas a prática orientada.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Considero muito bem-sucedidos os três estágios obrigatórios que cursei. O de L. P me traz o sentimento de maior conforto e segurança, uma vez que, como mencionado anteriormente, eu já sabia como planejar as aulas e selecionar material. Os de L. I. foram mais desafiadores

nesse sentido, pois precisei da ajuda e orientação das professoras da escola, da universidade e dos colegas. O planejamento nas duas línguas não muda muito (você precisa de um tema, gêneros estruturantes, definição de um produto final, critérios de avaliação e um cronograma claro), mas a seleção de material de acordo com o interesse dos alunos é totalmente diferente, pois é preciso levar em consideração que o aluno não necessariamente usa a Língua Inglesa diariamente (como usa o Português), e talvez precise de uma maior “mediação” nesse uso, durante as aulas.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Acho que seria mais interessante os alunos ingressantes no curso de licenciatura primeiro estudarem os gêneros textuais, principalmente os acadêmicos, com os quais estudantes vindos diretamente do ensino médio podem não estar familiarizados (eu nunca havia feito uma apresentação usando Power Point antes da faculdade, por exemplo), para depois demandar a produção desses gêneros.

A escrita (ou escrita criativa) é outro aspecto que falta em nosso curso. Se seremos professores de Literatura e L.P., deveríamos ter experiência na produção de textos, como contos, poemas, etc. Temos a disciplina “Leitura e Produção Textual”, mas apenas ela não é suficiente. Ela poderia ser cursada no primeiro semestre, e no segundo o aluno se inscreveria em uma disciplina oferecida virtualmente (pelo MOODLE, por exemplo), já com os conhecimentos do semestre anterior, na qual o foco seria a escrita criativa.

Essas questões não lidam diretamente com a atuação na escola, mas formam bases cujo conhecimento faz falta na atuação. Deveria haver uma disciplina também específica para preparação de aulas e planejamento na Letras. Há uma na FACED, mas ela não cumpre o papel de ensinar a planejar (o que é muito necessário em uma sala de aula/em um projeto de ensino e talvez realmente não seja o foco/objetivo dessa disciplina).

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

A resposta sobre se eu realmente queria a docência enquanto escolha profissional ou não.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Foi um divisor de águas... a Aluna antes do PIBID e a Professora em formação depois do PIBID. Acredito que a diferença entre essas duas visões é fundamental... Antes do PIBID eu não sabia se realmente queria a docência porque nunca havia me enxergado efetivamente, na prática, como professora. Eu era a aluna em todas as situações. Como bolsista do PIBID, fui para a sala de aula, conheci sujeitos reais, com necessidades e desejos reais. Desejo de aprender, desejo de não estar lá, desejo de te conhecer melhor, de ler aquele livro que você selecionou com muito cuidado para a aula. Há também toda a formação que o Programa proporciona, como as reuniões, os seminários, a elaboração de projetos. Isso muda tudo... Muda toda a perspectiva sobre você mesma enquanto estudante e profissional em formação. Imagina chegar no estágio sem essa perspectiva... Senti isso no estágio de L. I., mas imagino que para quem nunca teve essa oportunidade é mais complicado. Além de lidar com o desejo dos alunos (vários, muitas vezes conflitantes), você precisa lidar com o seu desejo (ou dúvida) sobre a docência, o medo e as expectativas sobre a prática. O PIBID me fez querer ser a professora que sou (ainda em formação, mas com bases muito mais sólidas).

Anexo I

Colaborador 8

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Não necessariamente. Esperava encontrar muito ensino de gramática, mas me surpreendi positivamente com a linguística. Faltam mais horas de prática durante o curso.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim. Durante o terceiro e quarto semestres estava muito desanimada com minhas cadeiras. Ficava preocupada com o retorno financeiro que teria depois de me formar e isso também me desanimava. Além disso, o tempo que eu levava até a faculdade me deixava muito cansada e não conseguia estudar direito. Depois que me mudei para a Casa de Estudante e comecei a fazer os estágios de docência voltei a me animar com o curso.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não, mas durante minha formação sempre busquei a prática de docência. Fui bolsista PIBID Espanhol, dei e ainda dou aula de Espanhol no NELE. Além de dar aulas de português e redação em cursinhos preparatórios. Para mim foi mais tranquilo fazer os estágios devido à minha formação, mas vários colegas se sentiram muito perdidos nessa cadeira. Creio que me sentiria muito despreparada para a prática docente somente com os Estágios.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Senti falta de mais horas/aula no estágio de Espanhol, apesar da boa orientação da professora Monica em Estágio II de Espanhol.

No estágio I de Português a professora foi totalmente desorganizada e descomprometida com os alunos.

No estágio II de Português a professora T. é muito atenciosa, mas está muito “atrasada”, precisando renovar suas teorias – ensino de “tipo textual” já caiu por terra há uns 20 anos...

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Com certeza! Hoje os currículos do bacharelado e da licenciatura já estão bem divididos. Creio que em todas nossas cadeiras devemos refletir sobre o ensino. Noto que as professoras de Literatura Portuguesa e alguns professores de Linguística se preocupam com isso, mas os professores de Literatura Brasileira ignoram isso. Além disso, as cadeiras de Espanhol e literatura estrangeira são mescladas entre alunos da licenciatura e bacharelado e, com isso, os professores não nos dão muito espaço para refletirmos sobre ensino. É MUITO TRISTE nós

professores de espanhol termos tão pouca reflexão sobre o ensino nas cadeiras de Espanhol, me fez muita falta.

Outro ponto que gostaria de destacar sobre o assunto é o fato de nossos professores de literatura brasileira e estrangeira e língua estrangeira darem suas aulas da maneira mais tradicional possível, totalmente em desacordo com as orientações dos PCNs e Referenciais. Já não refletimos sobre o ensino durante essas cadeiras e ainda não temos nem o exemplo de como poderia ser feita uma aula da matéria. Como eles querem que revolucionemos o ensino de literatura e língua se suas próprias aulas são tão tradicionais e contrárias àquilo que querem que façamos? “Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço” não dá, né?

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Prática docente, contato com a sala de aula, contato com o ensino público (visto pelo outro lado – o lado do professor); retorno ao ensino público; uma possibilidade de ensino cultural, textual, diferente, melhor.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Me ajudou na minha formação como professora, me fez pensar sobre o lúdico e o cultural na sala de aula. Me ajudou a entender como se planeja uma aula – o tempo, os conteúdos etc. Me estimulou a criatividade para criação de diferentes materiais. Senti falta do retorno para o aluno e para o ensino público. Acho que o PIBID me ajudou muito mais do que eu ajudei o ensino público, mas isso é difícil de medir.

Anexo J

Colaborador 9

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não; sempre gostei do curso e me vi inserida em diversas de suas áreas.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Acho que minha experiência foi suficiente por ter trabalhado desde 2012 em curso pré-vestibular, se dependesse apenas da graduação, talvez ainda me sentisse insegura. Há apenas uma disciplina antes do estágio em que vemos as questões relacionadas à produção de unidades didáticas e de projetos pedagógicos. Vejo que no curso de Letras temos três cadeiras de literatura portuguesa, por exemplo, sendo a II pouquíssimo útil, e apenas dois créditos de seminário para o ensino de literatura, sendo que os PCNs e os RCs defendem o texto como centro da aula de linguagens sem distinção, ou seja, perdemos tempo com algumas cadeiras que não são de todo úteis para a formação de professores, ao invés de utilizar esses créditos para essa formação.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Ótima. Acho que o sucesso se deu pela segurança que eu tinha em sala de aula, mas pela segurança que minha colega de estágio (que participou por anos do PIBID) tinha com as questões de projetos.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim!!!!!!!!!!!!!! Acho que o currículo da licenciatura deveria focar mais em questões de ensino do que acadêmicas, principalmente pensando a relação com a literatura. Teorias Literárias são incríveis para se pensar relações sociais, mas não estabelecem uma relação com a sala de aula, ou ao menos essa relação não é explorada nas disciplinas. A impressão que tenho é que os professores de literatura do Instituto desconhecem a proposta de sua disciplina na formação de professores.

Anexo K

Colaborador 10

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Não. O curso, principalmente no início, me decepcionou muito. Encontrei péssimos professores pelo caminho - os bons compensam e são a grande maioria - mas é muito triste e desmotivador saber que em um curso que prepara professores a gente ainda fica sujeito a professores que só querem te fazer desistir, por exemplo: te mandam trocar de ênfase quando tu estás com dificuldade. Outros ainda te desmotivam com frases do tipo: “Pra quem tá começando a vida de professor é ótima e feliz, vocês chegam com todo o gás, mas só quero ver vocês com essa animação toda daqui 10 anos”. A gente toma uma decisão difícil que é a de ser professor, muitos passam ainda por preconceito da família e amigos “pra que tu quer ser professor, vai morre de fome”, ou seja, o lugar onde tu deverias encontrar apoio é justamente dentro do curso que tu escolheu. Nesses quase cinco anos de graduação eu vi vários colegas desistirem da graduação, alguns trocaram de curso, outros foram para o bacharelado etc. por passarem por situações como essas que eu citei.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Várias vezes, quando via os meus amigos desistirem pensava em desistir.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

A cadeira de estágio te dá muitas ferramentas, o fato da professora estar disponível para tirar tuas dúvidas e te orientar mesmo, ajuda muito. Algumas outras como por exemplo, as cadeira de literatura em geral e as cadeiras de estudo do texto e teoria e prática de leitura, no caso do português, e didática da língua inglesa, no caso do inglês, me auxiliaram muito.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Gostei bastante, foi bem melhor do que eu esperava. O mérito foi da professora que esteve conosco e dos professores das cadeiras que citei na questão 3.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Certo que sim, a FACED se propõe a ser voltada apenas para isso, mas não é suficiente e não dá conta. Somos cobrados, mas são pouquíssimas as cadeiras que realmente te dão alguma perspectiva neste sentido. Talvez uma forma de melhorar fosse tornar a prática da docência obrigatória no currículo desde o primeiro ou segundo semestre.

Anexo L

Colaborador 11

Colação em: 2014/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Nunca.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Sim, houve cadeiras preparatórias para cada estágio (Didática da Língua Inglesa, Programas para o Ensino da Língua Portuguesa, Seminário para Ensino de Literatura Brasileira), além de revermos a preparação nas quatro disciplinas de estágio (foi até meio repetitivo, poderia ter sido menos). Além disso, tivemos diversas FACEDs que contribuíram para eu me formar professora.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Dos quatro estágios que fiz, diria que todos foram positivos. Houve maior ou menor comprometimento dos alunos, mas nada que eu posso chamar de “negativo.” Aprendi muito com cada um, de forma que posso dizer que agora, formada, sinto-me realmente preparada enquanto professora. Acho que o sucesso foi maior conforme eu fui adquirindo experiência, porque aprendi a ver o que funcionaria ou não em aula, a pensar melhor nas necessidades de cada turma, de cada aluno, a trabalhar melhor com projetos... As disciplinas que mais contribuíram para isso foram as duas de estágio de docência em língua inglesa.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Acho que o curso de Letras não deveria ser mais voltado para a preparação de docentes, pois creio que ele já é fortemente focado nisso. Para mim, deveria continuar como está; já temos várias cadeiras preparatórias para a docência. Há, inclusive, sobreposição: diversas foram as disciplinas nas quais lemos, por vezes, os mesmos textos. Também devemos pensar que há alunos mais focados em pesquisas fora da área de ensino (o meu caso), apesar de desejarem se formar professores. Creio que aqueles que sentem mais interesse/necessidade em uma formação docente ainda mais completa podem fazer parte do PIBID ou estágios adicionais, disciplinas eletivas de ensino da Letras ou da FACED, mas não acho necessário que isso se torne obrigatório para todos.

Anexo M

Colaborador 12

Possível colação em: 2015/2 – 19/02/2016

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim. Em algumas questões, principalmente na parte gramatical da língua portuguesa, deixou a desejar, mas foi boa a formação.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não, em nenhum momento pensei em desistir.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Acredito que como fazemos 2 estágios obrigatórios, seria bom se fizessemos um mais no início da formação e um no final, porque como os dois estágios são ao final do curso me senti despreparada com relação à atual e real situação da escola pública no estado. Nossa formação na licenciatura não condiz com o que nos vemos “obrigados” a ensinar em sala de aula. Montamos projetos de aprendizagem e temos uma teoria linda quanto ao caminho educacional a seguir com os alunos, mas em sala de aula nos vemos presos em livros didáticos e políticas educacionais. Temos que ensinar regras gramaticais, mas nós não as vemos durante o curso;

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Minha primeira experiência foi um desastre e inclusive terminei antes de completar as 20h de regência. A professora regente da turma aproveitou que eu comecei o estágio para ir embora da escola e os alunos não tinham o menor interesse pelas aulas, nem respeito pelos professores, muito menos por mim que era estagiária. Um aluno inclusive me ameaçou de morte... :-/
A segunda experiência foi mais tranquila e proveitosa! :-)

Anexo N

Colaborador 13

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Em sua maior parte.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim, no início. Pois imaginava um curso mais preocupado com questões sociais, por se tratar de uma licenciatura, e, no início do curso, não vi muito isso partir dos professores, tampouco dos alunos.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Sim, me senti sempre preparada para os estágios, mas acredito que isso se deva mais ao fato de ter participado do PIBID, do que às cadeiras anteriores ao estágio.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Foram muito positivas e me proporcionaram experiências maravilhosas. Atribuo ao fato de propor um trabalho diferenciado, procurando fazer com que o que eu estava ensinando fizesse sentido para a vida dos alunos. E também por ter trabalhado com EJA nos dois estágios, que é uma modalidade diferenciada e que me ensinou muito.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim. Acredito que, principalmente o ensino de Literatura fique um pouco esquecido e se aborde muito mais o ensino de Língua Portuguesa e Línguas Adicionais ao longo do curso. Penso que as cadeiras da Faculdade de Educação são importantes para a formação de professores, que tenham, minimamente, uma ideia mais geral de educação, no entanto. Penso que poderíamos ter mais fóruns de discussão e debate que nos ajudem a ligar o que vemos na FACED com as nossas cadeiras de ensino na Letras, bem como, mais formação na área do ensino de Literatura.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Complementar a minha formação como professora e ter uma experiência real de sala de aula logo no início do curso.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

Em boa parte! A prática de sala de aula, a dinâmica, a lida diária com os alunos, tudo isso não adianta somente ler, é necessário a prática, e o PIBID me deu essa oportunidade. Além de contribuir com estudos coletivos e leituras complementares.

Anexo O

Colaborador 14

Possível colação em: Colou grau em 2015/1

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Não totalmente, acho que nosso currículo é um pouco confuso temos muita carga de aulas de linguística e pouco espaço para quem opta pela literatura e menos ainda para quem opta realmente pela educação.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim, eu inclusive tranquei o curso por dois anos. Reforçando o que eu disse na pergunta anterior acho o currículo muito mal organizado, privilegia umas áreas em detrimento de outras. Alguns professores não ajudam muito também.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não. Conhecemos muito pouco de educação antes de entramos na sala da aula nos estágios. As supostas cadeiras na FACED que deveriam auxiliar no processo de preparação para esse momento na maioria das vezes são muito vagas e superficiais. Alguns professores não conhecem a realidade das escolas brasileiras, alguns não exploram nenhum dos pontos propostos no programa. Por outro lado também tem muitos professores dedicados e incríveis.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Meu estágio I um foi desastroso. Acredito que o insucesso ocorreu tanto por causa da minha colega que ministrou as aulas comigo, quanto a inexperiência como a falta de orientação da professora. A escola passava por um período bem conturbado, faltavam funcionários e algumas vezes as próprias crianças tinham que varrer a sala de aula devido ao acúmulo de sujeira. Já no meu estágio II foi uma experiência muito bacana, já um pouco mais experiente e preparada, agora sozinha e com alunos mais crescidinhos as aulas fluíram mais. Embora o que tenha feito mesmo a diferença tenham sido as aulas do Professor Arcanjo, sempre muito prestativo e atencioso ministrou as aulas mais “pé no chão” sobre educação, sem uma visão muito romantizada do mundo e nos preparando para as dificuldades que encontraríamos.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Deveria sim, acredito que as disciplinas da FACED deveriam ser reformuladas as quase dez disciplinas acabam sendo muito repetitivas e pouco interessantes, tive três disciplinas que realmente foram úteis para a preparação das minhas aulas depois. O contato com a sala de aula também poderia acontecer um pouco antes e não somente nos últimos semestres.

Ficamos muito tempo numa pratica repetitiva e muitas vezes idealizada que quando entramos na sala de aula e a realidade é outra é um choque.

Anexo P

Colaborador 15

Possível colação em: 2015/2

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Não.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não. Porque, apesar de o curso de Licenciatura em Letras não estar focado na formação docente, meu interesse sempre foi obter o diploma de licenciada para poder trabalhar na educação.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Não. A questão é que o curso de Licenciatura em Letras ainda é predominantemente teórico, onde as aulas são ministradas por professores-pesquisadores e não educadores. Assim, a realidade prática acaba tendo pouco espaço para discussão. Isso fica evidente, por exemplo, nos conteúdos programáticos das disciplinas de Literatura, em que – dentre as quatro disciplinas de Literatura Brasileira, três de Literatura Portuguesa e, ainda, várias de teoria literária – apenas dois créditos são destinados à reflexão sobre o ensino de literatura. Formam-se, assim, críticos literários e excelentes pesquisadores, além de professores despreparados para lidar com a realidade educacional da nossa sociedade.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Foi ótima. Desde o início de 2013, a partir do meu terceiro semestre de graduação, passei a ministrar aulas de Literatura no curso pré-vestibular popular Projeto Educacional Alternativa Cidadã, onde se deu, de fato, minha formação docente. Além disso, por questões financeiras, passei a dar aulas também em outros lugares, o que contribuiu para que, no momento do estágio, eu conseguisse lidar com as adversidades.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Sim, como respondido acima.

Anexo Q

Colaborador 16

Possível colação em:

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

De modo geral, sim. É um curso muito completo e que me fez entrar em contato com uma vasta variedade de conhecimentos relacionados à literatura, linguística e educação. Muitas vezes não se percebe o avanço que se está tendo, mas com o passar do tempo e através da prática docente, os conhecimentos desenvolvidos durante o curso acabam por fazer sentido. Existem alguns detalhes quanto ao currículo do curso que precisam ser melhorados, principalmente com relação ao preparo do estudante para o planejamento de aulas e também para a prática em sala de aula. Mas, de forma geral, o curso nos permite o acesso a diferentes perspectivas dentro de cada área estudada, além de facilitar a busca por materiais de apoio dentro do que se procura. Ou seja, atualmente eu tenho mais facilidade em buscar informações que eu julgue necessárias para desenvolver um trabalho qualquer, seja como professor, seja como pesquisador.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Sim, muitas vezes. Eu acredito que os professores, de forma geral, acabam, dentro das circunstâncias, idealizando um tipo de aluno morador de Porto Alegre, que estudou muito para entrar na UFRGS, que vem de uma boa escola, que pode se dedicar unicamente aos estudos e que, como tem a possibilidade de cancelar as disciplinas, deve se dedicar muito àquelas que, por livre e espontânea vontade, se matriculou. O que não é necessariamente verdade. Sim, pode-se dizer que a maioria dos alunos da UFRGS se encaixa neste modelo de aluno idealizado. No entanto, quem não se encaixa neste modelo acaba tendo que se desdobrar para cumprir todas as exigências do curso. O fato de eu morar na região Metropolitana de Porto Alegre dificulta meu acesso à Universidade, desde o cumprimento de horários (por depender de mais de uma condução), até o cansaço físico e psicológico que é enfrentar duas horas diárias, de ida e de volta, dentro de meios de transporte sucateados. O meu rendimento nas disciplinas são influenciados por isso? Sim. O professor da Universidade se importa com isto? Não. Daí, minha vontade de desistir do curso. O fato de eu ter estudado em escola pública e de, conseqüentemente, ter vindo de um sistema muitíssimo precário e que não me preparou para estar dentro da Universidade dificultou muito minha caminhada dentro do curso. E, como muitas vezes os conhecimentos prévios dos alunos são exigidos pelos professores, o sentimento de “não pertencimento” aquele espaço é muito grande. E o fato de que é necessário fazer todas as cadeiras para não ficar atrasado no ordenamento dificulta muito a permanência no curso. Se não faço as disciplinas no semestre certo, não posso escolher meus horários e professores, além de ter que fazer vários blocos de horários para que uma das possibilidades se encaixe em minha grade. Resultado: fazer disciplinas em horários ruins, com professores despreparados. Viver esta pressão acadêmica que diz que só sou digno de decidir em que turma me matriculo se eu tiver mais conceitos “A” que meus colegas, é muito desestimulante.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Em parte. As disciplinas de planejamento fazem o que podem com o pouco tempo que lhe são dadas. Pode-se dizer que aprendi muito e que estes conhecimentos foram úteis e foram requisitados em sala de aula, no momento do estágio. No entanto, existem dois grandes problemas que são resultados de uma falta de enfoque dado pela Universidade: questões que envolvem “gramática” e “avaliação”. Dentro do curso de Letras da UFRGS, os estudos de gramática são mais voltados à reflexão crítica do que à prática docente em si. Ou seja, depois de muito aprender que o ensino de gramática deve ser “x” e não “y”, chegamos ao estágio e somos exigidos trabalhar a gramática do modo “y”. Ou seja, somos preparados a pesquisar e buscar informações por nós mesmos, o que facilita o trabalho com gramática. Mas, mesmo assim, percebe-se como a falta de trabalho com gramática no curso dificulta nosso trabalho no estágio. Com relação à avaliação, é parecido. Pouco se fala em como avaliar e, no momento em que fazemos o estágio, precisamos avaliar nossos alunos e o material produzido por eles. Ou seja, há pouca discussão acerca de uma ferramenta muito importante durante o período de estágio e que merecia mais destaque dentro das aulas do curso de Letras.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Foi uma excelente experiência. Tive o privilégio de trabalhar com uma colega de estágio muito empenhada, colegas de estágio prontos para nos auxiliar no que fosse preciso, uma orientação excepcional por parte da professora de estágio, e uma escola muito receptiva. A professora regente foi muito atenciosa e, os alunos, extremamente competentes e respeitosos. Tivemos muita sorte e desenvolvemos um trabalho muito rico para todos. Sim, tivemos muitos problemas e imprevistos durante o estágio, mas creio que este seja um dos principais objetivos do estágio. Ou seja, será que estamos preparados para, além de trocar conhecimentos, tomar frente diante de todas as situações inusitadas que surgem dentro do cotidiano escolar? Será que estamos preparados para lidar com o descaso das escolas públicas de Porto Alegre e região? Como dar a volta por cima destes problemas e, mais do que isso, como fazer com que alguns destes problemas se tornem objeto de nossos estudos dentro das aulas de língua portuguesa? Creio que isso seja boa parte do que é ser professor e viver a docência e todos os seus conflitos. Pode-se dizer que, graças à orientação recebida, todos os problemas encontrados durante o trajeto do estágio foram muito bem resolvidos.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

O curso é voltado à preparação de futuros docentes, mas ainda é extremamente voltado à pesquisa, dentro das áreas. Muitas disciplinas cursadas foram totalmente voltadas a estudos científicos e totalmente desconectadas da prática docente. Muitas vezes a única forma de o professor acreditar que “cumpru seu dever de formar professores” era propor alguma pequena atividade sobre proposição de tarefas sobre um determinado assunto tratado na disciplina, sem ao menos se importar com o contexto no qual tal tarefa seria aplicada. Algo muito preocupante e que vai contra tudo aquilo que é defendido pelo próprio curso, nas disciplinas de didática.

O curso precisa urgentemente de mudanças no currículo que permitam um maior contato com a pedagogia de projetos e planejamento de aulas desde o início, para que o aluno possa vivenciar os emblemas escolares desde o momento em que entra no curso. Sem dúvida, isto fará a diferença futuramente, na prática docente deste aluno.

Caso participe ou tenha participado do Pibid

1) O que buscava ao entrar no Pibid?

Quando entrei no PIBID, buscava esta vivência em sala de aula que o curso não me proporcionara até então. Acreditava ser necessário este contato com a realidade da sala de aula antes do estágio, e isto fez, sem dúvida, toda a diferença.

2) No que o Pibid contribuiu para sua formação docente e para a prática de estágio?

O PIBID me proporcionou importantes aprendizados, em todos os sentidos possíveis, dentro de minha formação docente. É um projeto que nos dá a liberdade de desenvolver projetos de ensino em língua portuguesa que pretendem fazer a diferença da vida dos alunos que têm a chance de participar dos projetos. É uma troca muito rica: os alunos, muitas vezes, são abertos a participar das atividades que propomos a eles, o que nos faz refletir muito sobre a prática docente como um todo. Desde o momento em que eu planejo (e quais são meus critérios de seleção de material utilizado em sala de aula), até o momento em que eu executo (como expor minhas ideias, orientar os alunos, perceber suas dificuldades, perceber quando algo não está dando certo, etc). Ou seja, o PIBID me permitiu refletir sobre minha prática como professor ao mesmo tempo em que me possibilitava este contato com a sala de aula. O programa nos faz enxergar a realidade das escolas públicas de Porto Alegre, e de que maneira podemos levar nossos conhecimentos até as escolas. Apesar de ser um curso de licenciatura, muitas vezes passamos mais tempo refletindo sobre a prática do que praticando, efetivamente. Portanto, o PIBID contribui muito para que esta vivência em sala de aula fosse saudável e proporcionaram importantes aprendizados para nós, futuros professores. Acredito que para a prática de estágio, o PIBID contribuiu pelos motivos já citados, mas também porque ambos (estágio e PIBID) são situações em que duas pessoas entram em sala de aula poucas vezes, desenvolvem um projeto em poucos períodos, e encerram seus trabalhos dentro de um semestre. Por este motivo, há uma série de convergências entre ambas as práticas docentes e que contribuem, de certa forma, pro crescimento do aluno que teve a oportunidade de entrar na sala de aula antes de estagiar.

Anexo R

Colaborador 17

Possível colação em: 2016/1

Questionário feito a alunos de licenciatura em Letras que entraram no curso objetivando a formação docente. Todos os entrevistados já realizaram os estágios docência do referido curso. (Participantes ou não do Pibid)

1) O curso de licenciatura atendeu às suas expectativas?

Sim.

2) Em algum momento do curso pensou em desistir? Por quê?

Não.

3) O curso/ sua formação foi suficiente para que se sentisse preparado para a prática de estágio? Se não, o que avalia que tenha faltado?

Sim.

4) Como foi a sua prática de estágio? A que atribui o sucesso ou insucesso desta prática?

Fiz dois estágios até o momento (inglês e português) e estou com o segundo estágio de inglês em andamento. É possível notar uma melhora de um estágio para outro, conforme fui adquirindo experiência na prática docente. Ambas experiências foram boas, principalmente o segundo estágio. Atribuo isso ao estudo que fizemos nas disciplinas de “Programas Para o Ensino de Língua Portuguesa”, “Didática da Língua Inglesa”, “Seminário para o Ensino de Literatura Brasileira”, “Teoria do Currículo”, “Educação Contemporânea: Currículo, Didática e Planejamento”, “Intervenção Pedagógica e Necessidades Educativas Especiais” e nas próprias disciplinas de estágio de docência que passam por etapa de elaboração dos projetos a serem aplicados. Todas as disciplinas listadas acima contaram com observação de horas de aula em escola, seguidas de relatório e culminando com preparação de projetos ou atividades a serem aplicadas em futuros estágios. Saliento outras disciplinas que, graças ao desempenho dos professores, também me fizeram desenvolver um olhar mais sensível ao ambiente escolar, desenvolvendo projetos para serem aplicados em escolas: “Morfologia e Sintaxe”, “Semântica Frasal e Textual” e “Teoria e Prática de Leitura”.

5) Em sua opinião o curso de licenciatura deveria ser mais voltado à preparação do futuros docentes para o trabalho em sala de aula? De que forma você acha que isso deveria ser feito?

Acho que o curso que fiz foi suficientemente voltado para preparação de futuros docentes, mas preciso salientar que isso depende das disciplinas que cada estudante faz. As disciplinas da FAGED que citei na questão 4 foram ótimas, mas colegas que fizeram com professores diferentes relataram não terem gostado. O mesmo ocorre para as outras disciplinas da Letras em que, dependendo do professor que ministra a disciplina, o foco muda.

Anexo S

Relato da Professora Mônica Nariño Rodriguez.

Como professora de Prática de Docência de Espanhol há mais de 15 anos, noto que anteriormente os alunos que cursavam essa disciplina não tinham, na sua maioria, muita consciência da realidade do ensino público de espanhol. Pois até cursarem esta disciplina pouco ou nada tinham de contato com essa realidade. A partir da lei da obrigatoriedade do ensino de espanhol nas escolas e o aumento de oferta de programas como PIBID ou ONG que oferecem gratuitamente cursos de pré-vestibular a pessoas carentes, o graduando de Letras-espanhol passa a ter mais contato com a realidade escolar e seu futuro campo de trabalho, pois através do PIBID pode interagir com a escola pública e fazer inserções em sala de aula ou ainda atuar como professores voluntários em cursinhos de pré-vestibular populares.

O PIBID faz esse aluno ter esse contato com a escola pública a partir do terceiro semestre. Este bolsista começa a pensar e refletir sobre o ensino de espanhol nas escolas, pois ele começa a fazer parte da realidade de uma escola pública, começa a ter contato com os professores e ver a escola como seu futuro profissional. Quando este bolsista /aluno cursa a disciplina de estágio de docência já está “preparado” para enfrentar a realidade da escola. Já tem mais certeza que quer ser um professor e que tipo de profissional será. Ele já sabe organizar melhor as suas aulas, seus projetos. Consegui lidar melhor com a precariedade das escolas e ou falta de estímulo dos alunos. Ele já se sente parte dessa realidade escolar e não tem tanta dificuldade para interagir e aproximar-se do aluno. De certa forma o aluno de estágio que ministrou aulas em pré-vestibular também já tem mais reflexão sobre as necessidades dos alunos ao chegar ao estágio de docência

Vejo o PIBID como um programa que prepara o graduando a passar pelos estágios de docência conscientes de todo o processo educacional. Pois sem esse contato o aluno vai passar 5 semestres, apenas fazer observações em escolas, mas não interagindo. Quando o aluno é enviado a observar aulas, geralmente isso acontece nas disciplinas de Didática e outras, o aluno é apenas um coadjuvante do processo que ocorre na escola, já quando ele é bolsista ele passa a ser um dos protagonistas desse processo.

Em contrapartida o aluno que não participou do Pibid tem muitas dificuldades no estágio, pois pouco tempo tem para conhecer e interagir com a realidade escolar. Ele desconhece o que é pôr na prática um plano de aula, um projeto, ou seja, não entende que o planejamento pode e deve ser modificado de acordo com a sua realidade. Às vezes, não tem noção do quando precisa elaborar ou preparar para determinada atividade, ou ainda se essa atividade poderá funcionar, pois conhece todas as teorias, porém tem pouca ou nenhuma prática e conhecimento da realidade escolar. Em pouco tempo ele tem que conviver com a prática e a teoria e aliar as duas à escola que ele vai estagiar. O aluno, às vezes, tem uma certa insegurança ao enfrentar a sala de aula, pois nunca se enfrentou com 30 ou mais alunos e de repente ele é levado a assumir uma turma de alunos que apenas observou por algumas aulas e conviver com uma realidade completamente desconhecida até agora.

Se o aluno já tivesse contato com essa prática desde o início do Curso de Letras, ele poderia refletir mais sobre as teorias na prática de sala de aula.

Mônica Nariño Rodriguez

Porto Alegre, de dezembro de 2015.

Anexo T

Relato do professor Pedro Arcanjo Briggmann.

Alunos com e alunos sem experiência docente na hora do estágio de docência

Minha opção pelo Curso de Letras se deu pelo desejo de ser professor. E durante minha formação inicial percebia a despreocupação dos mestres do Curso com a dimensão pedagógica de nossa formação. Questões relacionadas à aprendizagem, ao ensino, à metodologia, ao relacionamento professor-aluno, aos conteúdos de ensino e de aprendizagem e à função do professor eram solenemente ignoradas por eles. Mesmo quando suscitadas por algum aluno, as respostas eram na maioria das vezes lacônicas e evasivas quando não mal-educadas e irônicas, ou até recriminadoras: "Não sei, nem quero saber", "Não é de minha alçada", "Isso é com as senhoras da Educação", "Se estuda literatura pela literatura". Tal comportamento obviamente sinalizava uma desqualificação de nossas preocupações. Procedimento compreensível, se forem consideradas a origem e a formação dos mestres dos primeiros Cursos de Licenciatura em Letras, grande parte deles oriundos, como mestres ou como alunos, dos Cursos de Direito e de Belas Letras. Daí entender suas preocupações linguístico-discursivas adstritas ao texto processual ou ao texto literário.

Sintomaticamente na UFRGS o Curso de Letras teve suas primeiras aulas nos porões da Faculdade de Direito. E com a criação dos Institutos, dedicados exclusivamente aos objetos do conhecimento, e a Faculdade de Educação, dedicada à metodologia e ao sujeito do conhecimento, se tranquilizava a tradição bacharelesca de nosso ensino acadêmico, com a agravante de sacramentar uma dissociação entre o pensar e o fazer, entre o estudar e o praticar o estudado. Agora, a formação do professor se daria em duas instâncias: na Letras se pesquisaria, se pensaria o objeto do conhecimento; na Faculdade de Educação se pensaria o sujeito do conhecimento e como se faz para ele aprender. O aluno estudaria para ser bacharel durante praticamente todo o curso; só nos últimos semestres ele iria fazer a chamada "parte pedagógica", na Faculdade de Educação, para ser professor. Essa situação me incomodava muito, por significar a negação de tudo que diziam as pesquisas e as reflexões de educadores. Significava mesmo um processo de alienação, que separa aquele que teoriza daquele que pratica. Assim, o professor que ensina a ensinar Português não é o mesmo que pesquisa e ensina Português.

Essa situação se estendeu até o ano 2000, quando, já concluído meu mestrado e doutorado em educação, me julguei em condições de montar um arrazoado convincente fundamentando as razões pelas quais julgava deveriam ser os professores de Língua Portuguesa os orientadores de estágio de docência dessa língua. Um ponto da justificativa para a Resolução da Comgrad/Letras que alterava os códigos de todas as disciplinas de estágio de EDU para LET era de que a Linguística já tinha construído teorias suficientes para iluminar a sala de aula. E citava a dialogia de Bakhtin e o sociointeracionismo linguístico de Benveniste. Além disso, mostrava que um princípio básico da educação é articulação teoria e prática, e que exatamente esse princípio estava sendo infringido ao distinguir duas categorias de professores, os que pesquisam e ensinam Português e os que ensinam a ensinar Português sem ensinarem Português. Após percorrer todas as instâncias da Universidade a Resolução foi aprovada e passou a vigorar, representando um marco na licenciatura em letras. Agora as pesquisas e teorias literárias e linguísticas passavam a ser elementos balizadores para o ensino e aprendizagem de língua e de literatura.

Isso com certeza não era pouco, mas não era tudo. A preocupação com o pedagógico só aparecia no final do curso. Continuávamos repetindo nossos antigos mestres. Até os estágios em nada se diferia de um bacharelado.

Em 2004 o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade publica a Resolução 04/2004 aprovando as diretrizes para o plano pedagógico das licenciaturas da UFRGS determinando já no artigo 1º que "As licenciaturas terão identidade própria e projeto pedagógico específico". E no artigo 2º diz que "Será estimulada a articulação entre a teoria e a prática, tanto na formação pedagógica quanto na formação específica". Na verdade esse é o perfil do currículo que sempre se desejou para as licenciaturas. No entanto, a tradição e a resistência a mudanças são mais fortes, e as alterações curriculares, mesmo quando inscritas na lei, não conseguem entrar nas salas de aulas e na vida de professores e alunos.

Aqui já dá pra inserir a pergunta "E na hora do estágio há diferença entre alunos com experiência e alunos sem experiência em docência?"

No primeiro encontro com meus orientandos não costumo perguntar se lecionam, se participam de algum projeto de pesquisa, se participam de programa de iniciação à docência, se são monitores ou bolsistas. No entanto, à medida que os encontros e seminários se sucedem, vou recebendo as respostas. E as diferenças são substantivas:

- Os alunos com experiência docente são mais seguros. Eles já têm um plano com três pontos: uma concepção (conceito ou teoria), um modus faciendi, método ou estratégia e uma empiria (sala de aula, aluno). Sabem que seu trabalho de professor é tentar articular os três pontos de modo a conseguirem alcançar o que se propõem. Já os alunos sem experiência sequer tem consciência da existência dessas dimensões. O que acabam fazendo? Repetem os modelos de seus antigos mestres ou buscam uma saída aleatória ou de senso comum.
- Os alunos experientes sabem que tão importante quanto dominar o objeto do ensino é conhecer o sujeito da aprendizagem. Já os alunos sem experiência tendem a considerar como importante apenas o dominar a matéria.
- O aspecto que mais chama a atenção é que o aluno com experiência consegue estruturar um projeto ou plano de aula associando atividades com habilidades mentais e com objetivos, enquanto o aluno sem experiência tem extrema dificuldade articular, de planejar e, maior ainda, de implementar.

O que percebo como orientador de estágio, que recebe os alunos no último semestre de seu curso, é que programas como PIBID, PET, PPE, realizam o que deveria ser parte integrante do currículo da licenciatura, aplicados os PCNs, as Diretrizes. Para mim o currículo é o problema a transpor. E o professor faz parte do currículo, é o currículo. Então, enquanto o professor de licenciatura continuar com a mentalidade bacharelesca e beletrista, não se envolvendo com a formação de novos professores, não teremos outra educação, nem outra sociedade, nem outro país.

Pedro Arcanjo Briggmann

Porto Alegre, de dezembro de 2015.